

## MISTÉRIOS DA PÁSCOA EM IDANHA

## 14 Ficha Técnica

## MISTÉRIOS DA PÁSCOA EM IDANHA

2025

## Edição

Câmara Municipal de Idanha-a-Nova

Editor (recolha, calendarização e texto)

António Silveira Catana

Produção

Alexandre Gaspar

Assistente de Produção

**Eunice Lopes** 

**Fotografias** 

Alexandre Gaspar

Freepik

Design

RVJ-Editores | Carine Pires

**Impressão** 

Graficamares, Lda

Tiragem

2500 exemplares

Agradecimentos

Pe. Adelino Américo Lourenço

Pe. João Esteves Filipe

Pe. José Manuel Marques Cardoso

Pe. Martinho Lopes Mendonça

Nuno Monteiro

Filarmónica Idanhense

Comissão das Celebrações da Quaresma Semana Santa

e Páscoa de Idanha-a-Nova

ISSN

2976/0313

Depósito Legal

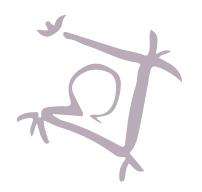
## Nota:

Dado que a programação anunciada pode sofrer alterações por motivos imprevistos, poderá, antecipadamente, confirmar para os Postos de Turismo disseminados pelo Município.

## MISTÉRIOS DA PÁSCOA EM IDANHA

2025









REDE MUSEOLÓGICA MUNICIPAL FORUM CULTURAL

## Centro de Interpretação da Semana Santa e Páscoa e do Património Religioso

Concelho de Idanha-a-Nova



Horário 9:00 — 13:00 14:00 — 17:00

Encerra Dia de Ano Novo Domingo de Páscoa

Feriado Municipal (3.ª Segunda-feira após a Páscoa) Dia de Natal











idanha.pt



# ÇÕES QUARESMAIS E PASCAIS

Lavrador, cultivo a terra,
Dela nasce a flor, o grão.
Dou a todos o sustento
Ninguém me dá galardão. (valor)
(...)

Lavrador lobo da Terra, O pescador é lobo-do-Mar. Ambos labutam na Vida Para o Povo sustentar. (...) (1)





O autor destas quadras, Manuel Marques Lavado, saudoso poeta popular ladoeirense, também tive a felicidade de o conhecer e de lhe ouvir dizer inúmeras quadras, precisamente, junto da frontaria das casas em frente da Misericórdia do Ladoeiro, em Sextas-Feiras da procissão dos Homens, mas não as gravei.

Em ambas as quadras da sua autoria do poema "Lavrador, cultivo a Terra", evidencia a luta heróica dos que na monotonia do quotidiano, labutam no mar ou na terra, e exprime o acentuado menosprezo e imerecido reconhecimento dos ingratos para os quais são a base e a fonte do seu sustento. Será que nós, os naturais e demais residentes, neste interior e arraiano concelho de Idanha-a-Nova também continuemos cúmplices dessa ingratidão?

Embora essa ruralidade das terras arraianas provenha, desde tempos antigos, acontece que já em 1708, que o Padre António Carvalho da Costa regista que as terras do Ladoeiro, que foram cenário do nascimento do poeta popular Manuel Marques Lavado (...) É fértil de pão, legumes, melões e melancias. (...) (2)

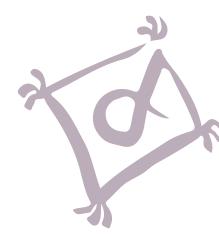
Já lá vão 317 anos que o dito Padre António Carvalho da Costa investigador e historiador, faz referência à produção de melões e melancias, nos campos do Ladoeiro. Daí que, atendendo à fertilidade e a este tipo de cultura, precisamente anotada, no Tomo (volume) Segundo, da Corografia Portugueza e Descripçam Topografica do famoso Reyno de Portugal (...) e também devido à construção da Barragem Marechal Carmona, inaugurada em 10 de Outubro de 1948, é da maior justiça que a respectiva Junta de Freguesia e a Câmara Municipal homenageiem os seus cultivadores e produtores do passado e do presente, continuando com intrépido vigor a realização, anual, do Festival de Melancia do Ladoeiro cuja fama e proveito já são reconhecidos a nível nacional.

As gentes do Ladoeiro e das demais Freguesias das terras arraianas do Concelho de Idanha-a-Nova, também são reconhecidas como trabalhadoras e hospitaleiras, daí a alcunha de *alarves* ou dos da *alárvia*, que quer dizer, que têm o condão de receberem bem os forasteiros.

Mas voltemos ao tema da Agenda, ao conjunto notável das tradições quaresmais e pascais das gentes do Concelho de Idanha-a-Nova que teimam em preservar, apesar da contínua diminuição da população e de mágoa até ao fundo da alma pelos diminutos nascimentos no mesmo.

Gentes de um território arraiano, de singular beleza paisagística, prenhes de História e de estórias, de lendas, de usos e costumes e onde ainda se preservam as mais belas e puras tradições, alicerçadas em cultos pré-romanos até às vivências da devoção popular dos nossos dias. Devido à assimilação dos arcaicos cultos agrários pela Igreja, fazendo coincidir os calendários agrícola e cristão, chegaram até nós singulares manifestações da devoção popular, expressas nos ritos e rituais de cerimónias e festividades, que ainda ocorrem nestas terras raianas, embora já sem o fulgor doutros tempos.

Todavia, só já vai sendo possível preservarem-se, graças ao elevado número de naturais que visitam o torrão natal, na Semana Santa, desejosos de saírem da cidade, com um dia a dia sempre agitado e de ar poluído, para visitarem os entes queridos e sentirem a paz da rua que os viu nascer e das outras que na infância e adolescência, vezes sem conta, pisaram o abençoado chão, respiraram o saudável ar com odor perfumado nos campos coloridos de urzes, giestas, estevas e rosmaninhos. Depois de chegados, depressa lhes nasce a vontade, o gosto e o prazer,





de tomarem a vez de seus pais e avós que acompanharam nas cerimónias da Paixão e Morte de Jesus Cristo.

Em tempos antigos, as festas religiosas, incluindo as romarias, habitualmente com as procissões, cortejos cívico-religiosos, bem como outras manifestações da piedade popular, dependentes de guardiães de fé viva, como a dos cantos ou cânticos da Encomendação das Almas, dos Martírios do Senhor, do Louvado *Nocisso*, da Senhora das Dores e outros, ajudavam a contribuir para que o povo das diversas paróquias saísse da habitual monotonia das vivências diárias.





## **CAO DAS ALMA** ENCOMEND

Nas Sextas-Feiras da Quaresma, como noutros tempos recuados, em cada uma das dezassete Paróquias, na maioria, um grupo de mulheres, trajadas de negro, mas em algumas conjuntamente com homens de gabão, no escuro das noites frias, por vezes geladas e ventosas, de forma compassada e comovente, para alguns arrepiante, cantam com muito respeito e devoção, nos pontos altos das comunidades, a Encomendação das Almas suplicando a Deus intercessão a bem da salvação dos fiéis defuntos, mormente das almas do Purgatório.

Também é costume cantar-se, na calada da noite, conjuntamente com a Encomendação das Almas, os Martírios, como é o caso de algumas localidades. O canto ou cântico como os Martírios descrevem os sofrimentos de Jesus Cristo na Sua Paixão até à Crucificação, no alto do monte Calvário.

Acontece em S. Miguel d´Acha, a Encomendação das Almas tem lugar às Sextas-Feiras, como na maioria das Paróquias, mas apenas participam mulheres e, dado que a comunidade aldeã se situa num lugar plano, cantam no alto da Torre do Relógio, junto dos sinos. Logo que termina o último cântico e oram, uma das mulheres toca o sino, como se fosse por morte de alguém. Aquelas cinco mulheres, cuja fé e devoção se lê no rosto atormentado, unidas umas às outras devido à exiguidade do espaço, junto dos sinos, quando cantam em uníssono em socorro das almas do Purgatório, impressionam, mesmo os mais descrentes em Deus.

O Grupo da Encomendação das Almas de Proença-a-Velha teima heroicamente, dada a confrangedora diminuição de população, em manter-se, sem interrupção, ao longo de um passado remoto. Continuam a marcar encontro, bem próximo da meia-noite, junto da Igreja Matriz, mesmo que a chuva surja diminuta ou forte. As penitentes terão que ser em número pernão (ímpar), cinco ou sete, se surgir apenas mais uma à última da hora, volta para casa. Todas vestidas de luto, de cabeça tapada pelo xaile negro, dispostas em reduzido círculo e aconchegadas umas às outras, de modo que o som saia em uníssono, cantam e oram pedindo a Deus a salvação dos que já partiram desta vida terrena, de um modo especial pelas almas do Purgatório, possivelmente desde o século XVII. Em noites de Lua Nova, por mais que a noite fosse escura, como em tempos que não existiam os postes com lâmpada a iluminar ruas e caminhos, prosseguem o canto, parando nos 13 poisos, acompanhadas de um homem de gabão com o capuz na cabeça, segurando um candeeiro a petróleo aceso, que lhes imprime confiança, não apareça algum vadio ou vão os espíritos malignos tecê-las...

Enquanto Proença e mais uma ou outra das Paróquias do Concelho mantém, desde há séculos, os cânticos da Encomendação das Almas e dos Martírios, noutras como o Ladoeiro, voltaram a ser recreados, por um grupo de guardiães que entoam, pelas 22H00, nos poisos do costume, na antepenúltima e penúltima Sextas-feiras da Quaresma.

O investigador ladoeirense António Romeiro referiu-me a existência de um livro «O HOMEM, ESSE MEU CONHECIDO» em que o autor com o pseudónimo de João do Porto fora colocado, ainda médico novo, precisamente, no Ladoeiro. Acrescentou-me que o desejado livro conta o deslumbramento com que o autor médico observara comovido algumas das práticas das manifestações



religiosas de então, logo que passou a viver no Ladoeiro. Por mais voltas que desse, indagando a descoberta do mesmo nas Bibliotecas Municipais da Idanha e limítrofes e pessoas mais ilustradas do Ladoeiro, mas nem rasto. Pareceu-me fazer-se luz quando o meu colega António Romeiro me informou que oferecera o ansiado livro, juntamente com um vasto conjunto de livros que possuía, na sua residência do Ladoeiro, à Junta de Freguesia do Ladoeiro. No encalço do mesmo, as minhas expectativas foram goradas. Nem rasto...

O informante e colega professor José Gordinho, mesmo à beirinha dos noventa anos de idade, em recente e amena conversa afirmou-me que esse médico, se chamava Dr. Pina Gonçalves. Já divorciado, viera, para o Ladoeiro, acompanhado de duas irmãs, onde exercera clínica e mais tarde, mantendo-se no Ladoeiro, abriu também consultório em Castelo Branco, cidade onde viera a ser sepultado. Contou-me ainda que teria assentado arraiais, no Ladoeiro, por volta de meados da década de quarenta do século passado.

Entretanto, o meu estimado colega António Romeiro enviou-me, lá das bandas de Lisboa, fotocópias da página 18 a 25 e da 39 e 43, por acaso, não as recebi numa manhã de nevoeiro, mas num dia de sol intenso, após dias bem chovidos. Já foi bom. Abençoado António Romeiro. Após a leitura das ditas páginas, dá para revelar aos leitores que o autor de **O Homem, esse meu conhecido** era um prosador culto e de fina água que brinda o povo ladoeirense com um importante contributo sobre as questões das suas vivências espirituais e da sua surpresa boquiaberta ao comover-se com tesouros da herança legada aos clientes a quem cuidava do seu bem-estar físico.



Pela distinta descrição que se segue dos Martírios / Encomendação das Almas, possivelmente, em 1946 ou 1947, aquando da chegada do autor ao Ladoeiro, descortinei com transparência e nitidez surpeendentes, tal como o autor, quando li o texto a seguir transcrito, emocionado e de coração contrito, os profundos sentires em oração dos detentores da função, nesta prática devocional, pelos padecimentos na Paixão e Morte de Jesus Cristo / Almas do Purgatório.

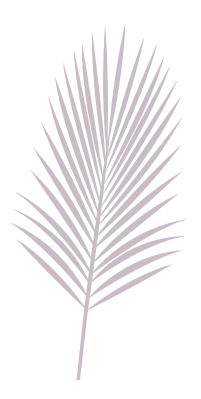
Não resisto em transcrever na íntegra, este, a seguir, como outros mais à frente, pelas razões que acima anoto.

« (...)Acordei, de madrugada, ao som de uma música muito suave, celestial, desconhecida. Na rua, mesmo junto à janela do meu quarto, um coro cantava como num sonho e embalava, dolentemente, toda a povoação adormecida.

Ergui-me, para melhor ouvir a irreal melodia e fiquei estático, com o coração a bater aceleradamente, a escutar esse coro harmoniosís-simo, maviosíssimo, impossível de exceder em beleza e compostura, que embriagava a atmosfera atenta, suspensa, de toda a aldeia e só então notei que, durante as pausas dessa oração sentida que tinha acordado o meu sono inquieto, lhe respondia, muito ao longe, outro coro igualzinho, que rezava com a mesma beleza, a mesma harmonia, a mesma compunção, a mesma compostura. Que lindo!

A preencher os compassos de espera, ouvia-se o cochichar dos componentes do grupo, trocando, muito baixinho, sugestões, insinuando ideias para melhor aperfeiçoamento da harmonia, sei lá... talvez a ensaiar, ainda — uma vez mais —, os versos e os tons da melodia que iriam a seguir cantar.

Tudo isto era irreal, belíssimo, impossível de descrever!

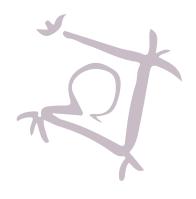


Em bicos de pés, receando perturbar toda aquela harmonia, cheguei à janela e, de dentro das vidraças, divisei os vultos dos componentes do orfeão: seis mulheres, de aparência já idosa, embiocadas em negros xailes, uma frágil rapariguita, ainda não entrada na puberdade, encolhidinha de frio, embiocada, também, com um xaile que a cobria até aos pés e, finalmente, um homem—um homem só — na força da vida, possante, musculoso, hercúleo.

Estavam dispostos em roda, muito juntinhos — dias depois me disseram que era para que o som gritado pelas suas gargantas parecesse proferido por uma boca só—, colocados na embocadura dos arruamentos— e me disseram, também, que era para que a cantiga se espalhasse igualmente por toda a povoação— e, como o teriam feito os seus antepassados há centenas de anos atrás, como quem cumpre um ritual religioso obrigatório, iam desfiando, sem pressas, a sua litania (oração) medieval.

E eu fiquei-me a cogitar: que beleza, que gente admirável! Quem lhes ensinara tanta harmonia, quem lhes tinha cultivado tanta sensibilidade e tanto portuguesismo? Só Deus, e mais ninguém! Tudo isto era natural, espontâneo, maravilhoso! Aquela gente, de aparência rústica, tinha muito mais alma do que os meus anteriores clientes da cidade, de cérebros alimentados pelo cinema mau, eivados de imoralidade e de estrangeirismos. Na cidade, não se sabia cantar, não havia convicções firmes, ninguém tinha verdadeira fé, a ninguém mereciam respeito os costumes tradicionais da Nação. Que gente diferente aquela!

Argumentos, sobre argumentos, vinham-me ao pensamento, em louvor dos sentimentos nobres que eu descobria nos meus novos clientes e cada vez mais (...)» (falta a continuação do texto, na página seguinte...). (3)





## A ACÇÃO DAS MISERICÓRDIAS

Durante a Idade Média, as desigualdades sociais eram gritantes, eram poucas as formas de assistência a pobres, viúvas, idosos, leprosos, cativos, doentes mentais e outros. Documentação específica refere quão assinalável foi a acção assistencial, de bem-fazer levada a efeito pela Rainha Santa Isabel, esposa do rei D. Dinis.

Claramente, com a criação das Misericórdias, em Portugal, a partir da 1ª que foi criada em Lisboa, em 1498, instituída pela rainha Dª Leonor, melhorou o bem-fazer ao rol dos pobres e desprotegidos.

No Compromisso, publicado 18 anos depois da criação da Misericórdia de Lisboa e fruto da experiência até aí possuída, especifica estatutariamente, as «Obras de Misericórdia, sendo sete espirituais e sete corporais, tendo como modelo o Evangelho de S. Mateus e seguindo as normas preconizadas por S. Paulo» (4). Para além da obra assistencial e de sepultar os mortos, conta com a dimensão espiritual e penitencial, ou seja, foi escolhido para comemoração festiva do aniversário das Misericórdias o dia 2 de Julho, precisamente o dia da Visitação de Nossa Senhora a sua prima Santa Isabel e também a organização de procissões, durante os quarenta dias da Quaresma.

Logo, a partir do ano de 1500 começa a crescer o número de Misericórdias no País. De entre as muitas, está documentado que quando o Ladoeiro se denominava Esporão, foi criada, em 1581, a sua Misericórdia a bem dos desprotegidos da aldeia. E dez anos mais tarde, por alvará de 9 de Fevereiro de 1591, o mesmo Rei

Filipe II de Espanha I de Portugal, concedeu à Santa Casa da Misericórdia do Ladoeiro os Privilégios concedidos "à casa da misericórdia da vila de Idanha-a-Nova e às mais casas da misericórdia deste Reino." (4)

Tais dados históricos divulgados devem-se ao devotado investigador ladoeirense Professor de Educação Visual, José Joaquim Mendes Hormigo que escreveu um artigo, no Semanário Reconquista, publicado em 31 de Dezembro de 1981, quando a dita Misericórdia do Ladoeiro completou 400 anos da sua fundação.



Andrew 5° Cadana, deditado estudios da Distu? da sucuasea stra opinicolo, que nas ctuque a ser fros seu en calação, e mon . tere qua dade nas gave las fros frances dade nas gave las fros frances dade nas gave las

A Misericórdia do Ladoeiro (História) Por força da sua tenacidade e do amor ao seu torrão natal, após a continuação de investigação inédita, no *Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, em Lisboa, editou, em *1998*, um valioso e bem documentado opúsculo intitulado: *A Misericórdia do Ladoeiro (História)*, Edição do Autor, mas que, infelizmente, não chegou a divulgar,

conforme se comprova na dedicatória que me dirigiu: «Ao meu amigo António Silveira Catana, dedicado estudioso da História da região, ofereço como homenagem este opúsculo, *que não chegou a ser posto em circulação, e mantive na "gaveta"*. Assina: José Hormigo / 2021. (5)

No Preâmbulo do citado opúsculo, registou o deplorável estado de degradação em que se encontrava, na década de 60 do século passado, a Igreja da Misericórdia, nestes termos: « (...) A Casa da Misericórdia, com a frontaria caleada de branco, apresentava-se internamente em ruínas.



Apesar disso, as suas paredes-mestras, permaneciam teimosamente erguidas. O autor destas linhas, visitando o interior do templo, pelos anos 60, encontrou a nave da Capela totalmente juncada de escombros, e ficou surpreendido, ao ver como ainda se mantinha de pé as elegantes colunas do coro, com as suas belas pias de água benta, assim como o púlpito, delicadamente talhado em pedra.» (6)



Misericórdia. Interior em Ruínas. 1967 Desenho a Carvão, do Autor.

Comprova-se que em 1950, a Capela da Misericórdia, estava em ruínas e a reconstrução realizou-se, nos anos de 1980 e 1981, sendo Presidente da Junta de Freguesia, Pina Gonçalves, Dr., e que a data da 1ª Missa, finalizada a sua reconstrução, foi em 30 de Outubro de 1981, conforme eu constatei ao compulsar o mensário RAIANO, de acordo com a seguinte notícia: (...) "Na última 6ª Feira de Outubro celebrou-se a primeira Missa na Capela da Misericórdia, após a restauração. (...) (7)

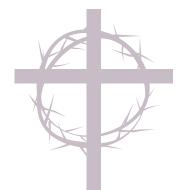
As Santas Casas da Misericórdia, como atrás referi, a partir de Quarta-Feira de Cinzas até ao Domingo da Ressureição, iniciam-se as procissões habitualmente a partir da Igreja da Misericórdia local.

As procissões continuam hoje a ser manifestações religiosas de culto externo em que sobressai o sentimento de fé e a devoção popular, mas sem a grandeza dos meus tempos de aluno do ensino primário, actual primeiro ciclo do ensino básico, não só pela sangria da população, a partir dos anos cinquenta e sessenta do século passado, mas também pelo laicismo, doutrina que tende a dar às Instituições um carácter não religioso, e que vem alastrando de forma crescente em toda a Europa e não só.

No início da criação das Misericórdias, havia a procissão de Quarta-Feira de Cinzas, mas com o rodar dos séculos caiu em desuso. Tal como noutros tempos, ainda hoje, as Irmandades das Santas Casas da Misericórdia, por força estatutária organizam, de um modo geral, as seguintes Procissões: a do Senhor dos Passos com a invocação do **encontro** da imagem da Virgem e a de Jesus Cristo com a cruz às costas, a do Enterro do Senhor e a do Domingo da Ressurreição.

Até à presente data, não tenho conhecimento que outro Concelho, além do de Idanha-a-Nova possua nove Santas Casas de Misericórdia em funcionamento, das onze criadas, e que, entre as existentes neste interior raiano, haverá outras, como a do Ladoeiro que possua documentação com breves e importantes pormenores da sua História de vida, não só a nível sócio-caritativo, mas também organizacional, económico e do património material e imaterial (espiritual).

Neste Concelho de Idanha-a-Nova mantém-se, em algumas das Paróquias, para além das acima citadas procissões, as das Sextas-Feiras, como as Ladainhas, o Terço pelas ruas, Procissões



Corridas e outro tipo de manifestações da piedade popular como o canto do Louvád'ssimo, da Senhora das Dores e ainda, com rituais como, os que mais à frente descreveremos da **Ceia dos Doze,** na Quinta-Feira Santa, precedida pela manhã do respectivo peditório para o efeito. Estas são apenas uma reduzida enumeração de práticas da piedade popular de um conjunto apreciável e diversificado.

Antes de passarmos a enumerar parte dos Compromissos (estatutos) de 1880 da Santa Casa da Misericórdia local, em especial no que se refere à organização das procissões, permitam que, a talho de foice, vos refira um motim (revolta) numa procissão, provocado pelo modo ofensivo contra os Judeus com que o Pároco do Ladoeiro se referiu, durante dois dos momentos de reflexão numa Procissão.

Tal revolta sucedeu, no século XVI, mais precisamente, na Quaresma de 1578, ou seja, três anos antes da criação da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia do Ladoeiro, em 1581, como atrás assinalei.

O investigador ladoeirense, Pedro Rego, numa das suas obras publicadas que se intitula "Subsídios para o Estudo da História do Ladoeiro" (8), no capítulo que intitulara "Da questão dos judeus e do motim da via-sacra: a comunidade judaica no Esporão", com base nas suas pesquisas, de seguida, dá-nos conta do dito motim provocado justamente pela presença da comunidade judaica, na ainda povoação de Esporão e que posteriormente, passou a chamar-se Ladoeiro.

(...) Ora, estudar este capítulo da história do Esporão, é também estudar a história da intolerância religiosa, e a história da perseguição que se moveu aos judeus, e depois aos cristãos-novos, ou

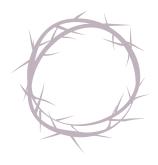


judeus conversos, sob a égide sombria da Inquisição, pelo que escrever este capítulo será, porventura, revelar algumas das páginas mais negras que algum dia se escreveram a respeito desta localidade. Não é essa a nossa pretensão, neste pequeno livro. Talvez um dia nos abalancemos a tal, já que, mesmo sem serem muito abundantes, são conhecidos diversos processos do tribunal do Santo Ofício, relacionados com moradores ou naturais do Esporão/Ladoeiro.

(...) Corria o ano de 1578. Como nas páscoas precedentes, tudo se organizara naquele dia, para que nada faltasse na procissão que, como já ia sendo hábito, se realizava todos os anos na freguesia de Nossa Senhora da Esperança do Esporão. (...) A procissão saiu, silenciosa e ordenadamente, através do pórtico principal, que se abria de par em par. A via-sacra acabara de começar. Não tardou muito tempo, todo o cortejo se deteve na primeira estação. Era hora de declarar o Evangelho. Então, recortando o silêncio, e perturbando os rostos circunspectos que o fitavam, num discurso inflamado e emotivo, o cura Silvestre Vaz recordou o Evangelho e elevando como habitualmente o tom de voz, efusiva e repreensivamente: «tratou de como os Judeus não quiserão conhecer a Cristo nosso saluador».

Findo o discurso do sacerdote, feitas as persignações, e cumpridos todos os preceitos do rito, a procissão seguiu, rumo à estação seguinte. (...) Entretanto, nova estação, nova declaração do evangelho. Desta feita, no mesmo tom, mas num registo ainda mais severo, (o cura) Silvestre Vaz prossegue a sua exposição acusatória contra os judeus, enumerando, uma a uma, demorada e detalhadamente, todas «as iniurias que lhe fiserão».

Foi então que, na Praça do lugar, Pero Jorge, mercador, cristão--novo, Bento Fernandez, ferreiro, cristão-novo, e Aires Nunes, tam-



bém mercador e cristão-novo, concertados entre si, romperam aos «brados e palejas», e se tomaram de palavras com o dito, cura procurando calar a voz do sacerdote:

«e lhe chamauão Luthero e dizião que não auia de diser aquelas cousas na Estação»

O cura, por sua vez, não sem certa dose de ironia, comentava, com quem ainda o queria ouvir, que «cuidaua que não auia iaa Judeus mas que quando vira quem defendesse suas causas e as tomasse por si cuidaua outra cousa».

De parte a parte, as acusações subiam de tom, com os argumentos possíveis. O tumulto era mais que muito, mas não passou disso mesmo. Ainda assim, nessa noite e nos dias que se seguiram, percebia-se um clima de grande tensão no Esporão. Formaram-se dois partidos, muito embora, por receio de represálias e de denúncias, nem todos tivessem a coragem de declarar publicamente o seu. Um pelo cura, outro por aqueles fregueses. Estes «queixauan-se delle que os iniuriaua em diser o que dizia», e de forma muito clara davam conta da existência do considerável número de cristãos-novos, leia-se de cripto-judeus, do Esporão, ao proclamarem que em casa de enforcado não se havia de falar de corda.

Por sua vez, o cura defendia-se, com o argumento de que «não falaua em pessoa particular, se não nos Judeus que forão na morte de Cristo» .Mas os seus argumentos não convenciam, e por isso aqueles fregueses trabalharão muito por o tirarem de Cura, queixando-se dele junto das autoridades eclesiásticas. Todavia, a maioria da freguesia acudiu por Silvestre Vaz e só por isso as diligências dos ofendidos não surtiram os efeitos desejados.

(...) A única coisa que conhecemos bem é o relato circunstanciado do que se passou naquele dia já distante de 1578, através do registo das



denúncias que sobre o caso se fizeram, dos cristãos- novos, junto do inquisidor, o licenciado Marcos Teixeira. Pela importância com que elas se nos afiguram, deixamo-las aqui reproduzidas, na espectativa de que a sua divulgação possa enfim contribuir para o conhecimento da questão judaica no Esporão.»

Tais denúncias realizaram-se, no ano seguinte, em Idanha-a-Nova, perante o inquisidor Marcos Teixeira.

## «Primeira denúncia:

«contra pero Jorge mercador xpam nouo¹ de saluaterra e contra bento frz fer° xpam nouo de Idanha a noua e contra Aires nunes xpam nouo do esperam termo de Idanha a nonua.

Aos oito dias do mês de Maio de mil quinhentos setenta e noue annos na Villa de Idanha a noua nas casas onde pousa o sñor Ldo Marcos Teixeira Inquisidor per ante elle pareçeo Aluoro frz Laurador morador no lugar do esporão termo desta uilla de idade que disse ser de cinquoenta annos a que foi dado Juramento dos sanctos euangelhos em que pos sua mão e prometeo dizer uerdade e denunciando disse que esta Coresma passada fez hu anno por Siluestre Vas Cura da Igreja de nossa Snra da Esperança do ditto Lugar declarando o Euangelho em algumas estações i falar nos Judeus como não quiserão conhecer a xpo nosso saluador e nas iniurias que lhe fiserão Pero Jorge mercador xpão nouo que agora uive em saluaterra e Bento frz ferreiro xpão nouo e morador nesta villa que naquelle tempo uiuião naquela frequesia e por este respeito seforão daly & Aires nunes também xpão nouo que uive no dito lugar do Esperão Setomarão em palavras com o ditto Cura e lhe chamauão Luthero e dizião que não auia de diser aquelas cousas na Estação e queixauanse delle que os iniuriaua em diser o que dizia e trabalharão muito com o Visi-



<sup>1</sup> E cristão-novo. Nota nossa.

tador por o tirarem de Cura e a freguesia se pos da sua parte por uer que não tinha culpa e que não falaua em pessoa particular se não nos Judeus que forão na morte de xpo e elle denunciante disse ao dito Pero Jorge que porque setomaua do que o Cura dizia pois não fallaua nelle que daua de si maa sospeita e este lhe respondeo que o dito Cura não ouzara de dizer o que dizia se fora no Fundão que porque estauão aly poucos falaua; e por elle denunciante ser das pessoas que andão no Acordo no ditto Lugar lhe disse o ditto Pero Jorge se o Cura dissera mal dos do Acordo não uos queixáveis uos? Pois assi me aqueixo eu. E al não disse e do costume que o dito Pero Jorge lhe tolheo a fala por lhe fazer pello dito Cura/ e dos outros disse nada/ efoile mandado que tenha segredo pello Juramento que Reçebeo e assi o prometeo/ e assignou com o sñr Inquisidor. Hector frz notário apostólico do santo off° o escreui

Marcos Teixeira

Alvoro (uma cruz) frz» 2.

## Segunda denúncia:

«contra pero Jorge xpam nouo de saluaterra e contra bento frz xpam nouo de Idanha a noua e contra Aires nunes xpam nouo do lugar do esperam termo de Idanha a noua.

Em o mesmo dia per ante o sñr Inquisidor pareçeo Diogo Moutoso xpão uelho carpinteiro morador no lugar do esperão termo desta uilla de idade que disse ser de sessenta annos a que foi dado Juramento dos sanctos euangelhos que que pos sua mão a prometeo dizer uerdade e nunciando disse que esta Coresma passada fez hum anno Siluestre uaz Cura da Igreia de nossa Sñra da Esperança do dito lugar

<sup>2</sup> Livro Io das Denúncias da Visitação do Santo Ofício, PT-TT-TSO-IL-038-0794. Mf 519,520 fl 257,257 v°.

do èsporão declarando na estação os Euangelhos como costuma fazer em todo o anno tratou de como os Judeus não guiserão conhecer a xpo nosso saluador e das iniurias que lhe fiserão e por esta causa tres fregueses seus xpãos nouos que são Aires nunes mercador que ainda agora o he e pero Jorge mercador que uiue em saluaterra deste'bispado e Bento frz ferreiro que uiue nesta Uilla se tomarão na Praça com o ditto Cura e o desafiarão e ameaçarão dizendo-lhe que não auia de dizer aquellas cousas na estação e que em casa de enforcado não auia de cumentar corda. E o Cura lhe respondeo que não dizia aquillo por elles senão pellos que forão naquelle tempo da morte de Christo. E despois trabalharão muito por o tirarem de Cura e defeito o tirarão se a freguesia se não posera por sua parte porque vio que não tinha culpa nem falou em pessoa particular somente despois dos ditos brados e paterias disse em hua estação que cuidaua que não auia iaa Judeus mas que quando vira quem defendesse suas causas e as tomasse por si cuidaua outra cousa. E al não disse e do costume que o dito bento frz he seu compadre e dos mais he amigo. E foilhe encomendado que tenha segredo pello juramento dos sanctos euangelhos que recebeo e assi o pròmeteo e assignou com o sñr Inquisidor Hector frz notário do santo off° o escrevi.

Marcos Teixeira Diogo (uma cruz) Moutoso» (8)

## Os Compromissos (Estatutos) de 1880

A este respeito escreve José Hormigo: «Os mais antigos Compromissos conhecidos da Casa da Misericórdia ladoeirense, reportam-se à época em que era Provedor o moleiro José Gordinho, tendo sido elaborados precisamente no ano de 1880. Desconhece-se ao certo, o documento que serviu de base à sua



redacção. No entanto, não andarei longe da verdade ao afirmar que terão tomado como modelo os compromissos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Isto, tendo em conta um alvará do Principe Regente (futuro D. João VI) de 18 de Outubro de 1806, determinando que as Casas da Misericórdia das cidades e vilas dos seus reinos e domínios se regulem pelo compromisso da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, dando as várias disposições nele insertas.(...) (9)

Mais à frente, transcreve os acima citados Compromissos, mantendo contudo a ortografia original. E, no Capítulo I e único, registo," ipsis verbis", textualmente, o que consta nos Compromissos no Art° 3°:

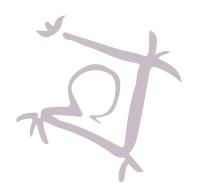
 $\ll$  (...) Para satisfazer aos piedosos e caritativos fins de sua instituição é dever desta sancta casa.

Iº Socorrer com um subsidio pecuniário os enfermos, que pór sua extrema pobreza não tiverem meios de obter os alimentos e remédios necessários para seu curativo

2º Socorrer com um subsidio pecuniário por uma só vez anualmente ou todos os meses, se os rendimentos da Sancta Casa o permitirem, os pobres necessitados dos que por sua avançada idade, invalidade ou outra qualquer atendivel circunstancia estiverem impossibilitados de trabalhar para consequir os meios de sua sustentação.

3º Dar carta de guia e um subsidio pecuniário aos pobres inválidos enfermos ou inválidos que forem ou regressem de hospitais, asilos ou banhos.

**4º** Auxiliar o hospital da Misericórdia da cabeça do concelho com um subsidio não inferior a decima quinta parte do rendimento desta Sancta casa em quanto o estabelecimento subsidiado se





não denegar a aceitar, e tratar os doentes pobres desta freguesia.

**6º** Conduzir à sepultura na tumba da irmandade os irmãos fallecidos suas mulheres e filhos.

7º Mandar cantar anualmente um ofício de nove lições por alma dos irmãos defuntos no dia de S. Martinho, segundo o antigo uso, ou outro qualquer dia designado pela Mesa quando naquela haja impossibilidade.

- **8º** Mandar pregar um sermão de Paixão na noite de quarta-feira maior quando recolher á capella a procissão como é do uso antigo.
- **9º** Fazer uma procissão de penitência em todas as sextas-feiras da Quaresma tendo na conformidade do uso estabelecido. (...)» (10)

Quanto aos actos religiosos e manifestações religiosas, na actualidade, convém anotar que, quanto aos pontos 7° e 8° já não se cumprem. Cumpre-se, na actualidade, o ponto 9°, apenas com a diferença de apenas ter lugar, nas primeiras cinco Sextas-Feiras da Quaresma.





## A PROCISSA

Começo por referir que de entre as várias procissões quaresmais de penitência no Ladoeiro, com raízes numa evocação em milenares ritos propiciatórios da fertilidade da Mãe Natureza, a das Sextas-Feiras, conta apenas com a participação de homens. Será certamente a única que possivelmente se preserva sem interrupção, desde os finais do século XVI. Muito possivelmente, a única do País que continua a manter-se, desde o acabamento da construção do edifício e coincidente com o alvará que o rei Filipe I de Portugal, II de Espanha, concedera, em 9 de Fevereiro de 1591, onde constam os Privilégios que era costume outorgar, às demais Misericórdias.

Acresce registar que, uma boa mão cheia de devotados guardiões, em S. Miguel de Acha, recriou, durante as primeiras seis semanas da Quaresma, nas Quintas-Feiras, as Ladainhas e, nas Sextas, o Terço cantado pelas ruas.

Quanto à Procissão dos Homens do Ladoeiro, António Maria Romeiro Carvalho, investigador ladoeirense do (I.E.D.S.) Instituto de Estudos e de Divulgação Sociológica, na Revista Forum Sociológico, anota o seguinte:

«(...) Para o camponês, a aldeia é a "minha terra", «Terra», grande mãe que o gerou e que o irá receber. «Terra», espaço sagrado, que ele, integrado no colectivo, ritualmente delimita e toma posse, ao mesmo tempo que a aldeia se regenera.

A «Procissão dos Homens», do Ladoeiro é desses ritos agrários quaresmais pelos quais o colectivo aldeão, vivos e mortos, crianças e adultos, toma posse do espaço da aldeia, se regenera e participa no processo de frutificação da semente. Numa região onde a agricultura é (ainda) a principal actividade económica, este rito, juntamente com outros («Encomendação das Almas», «Trevas», «Procissão dos Nus» introduz o aldeão no reino da escuridão e dos mortos. Um perigo, mas uma necessidade vital para a aldeia.» (11)

Também sobre o mesmo tema, o investigador José Hormigo, no opúsculo da sua autoria, atrás citado, com o título: **Costumes da Quaresma / Procissão de Penitência**, começa por escrever:

«Das solenidades religiosas efectuadas na povoação, merece especial destaque a cerimónia em epígrafe, de tradição antiquíssima, a qual vem designada nos compromissos de 1880, pela "Procissão de Penitência", sendo popularmente conhecida pela "Procissão dos Homens" ou de "Sextas-feiras da Quaresma", Era organizada pela Irmandade da Misericórdia, cumprindo assim o estipulado nos referidos estatutos, que no artigo 9° sublinham: Fazer uma procissão de penitência em todas as sextas-feiras da Quaresma tudo na conformidade do uso estabelecido. Semelhante tradição, não é caracterizada pelo esplendor de tantas outras cerimónias religiosas. Bem pelo contrário, esta traduz simplicidade, humildade, e sentido de imenso recolhimento e espiritualidade.

Mas, por incrível que pareça, apenas homens participam nela, sendo totalmente excluída a presença das mulheres. Este o aspecto mais singular que a distingue das outras, e daí ser reputada de invulgar no país. O seu percurso, lembrava uma revisitação à aldeia, feita a horas mortas, em que as mulheres do povo ausentes do cortejo, se acolhiam ao interior das casas, de onde lhes era dado ouvir as vozes e os sons



dos magoados e tristes cânticos dos homens. Saía todas as sextas feiras da capela da Misericórdia, percorrendo um circuito antigo: Rua da Misericórdia, Rua da Fonte Pequena (hoje dos Lusíadas), Rua da Igreja, Largo da mesma, entrando na Matriz, onde eram aguardados pelos irmãos da confraria do Santíssimo Sacramento, postados em duas filas na coxia. Rezado o mistério, a procissão, saía do Templo, incorporando-se nela a irmandade do Santíssimo (opas vermelhas) e regressando à capela, passando agora pelas ruas de Santo Antão, Largo da Praça, e descendo a íngreme Rua do Saco, desembocando na ponte, próximo ao Poço da Gola, passando ao lado da fonte grande, e dirigindo-se finalmente para a Rua da Misericórdia, onde recolhia à respectiva Capela. Era um punhado de homens, de opas negras e vermelhas, massa compacta de penitentes empunhando velas, cruz, e duas lanternas, desfilando, com passadas lentas e silenciosas atravessando ruas e largos e descrevendo um círculo em volta da povoação. Enquanto acompanhámos a procissão, observámos com olhar atento o misterioso cenário do casario pobre, mergulhado em escuridão, cujo ambiente austero e sombrio, despertava um sentimento de profundo recolhimento, piedade e tristeza. O nosso olhar era também atraído para as fachadas negras do xisto, salpicadas de ocres do adobo e da caliça, de onde ressaltava a mancha irregular branco-mate, do caleado, de míseras casinhas. Enquanto a procissão ia avançando, aqui e além, da solidão dos postigos rentes aos beirais, assomavam vultos solitários de mulheres idosas, segurando uma velinha ou uma candeia; a sua chama produzia amarelenta e inquieta iluminação, que soprada pelo vento de Inverno, imprimia àqueles rostos antigos, uma expressão de figuras bíblicas. O padre, e os homens que iam com o Senhor sob o pálio, cantavam a cada passo a ladainha, «San...ta...a...Mári...i...i...a» enquanto os demais respondiam: «Orá...pri...nó...ó...ó...bis». Cântico de invulgar entoação, que



acentuava ainda mais o misterioso e dramático ambiente processional. Havia nestes cânticos, nesta entoação, na repercussão das vozes na amplidão, um não sei quê, parecendo vir do fundo dos tempos, era algo com ressaibo a árabe. Culminavam as procissões, com um sermão de Paixão na noite de Quarta feira Maior, conforme determina o artigo 8º dos antigos compromissos de 1880. (...)» (12)

Como é vulgar, todos os usos e costumes com o rodar dos tempos vão-se actualizando, isto é, vão salutarmente sofrendo algumas alterações. Mau seria se tudo fosse mantido... Assim, tal como na actualidade, numa gravação sonora que efectuei, em 18 de Fevereiro de 1994, a Procissão dos Homens, seguia e, agora, continua a seguir o mesmo percurso de tempos antigos.

Quando eu, no tempo quaresmal, percorria o concelho, no meu automóvel, na calada das noites frias, costumava levar apenas por companhia o gravador, a esferográfica e fichas para registar, a correr, as diversas manifestações da religiosidade popular. Depois, num dos dias seguintes, passava-as a limpo.

Num destes dias, ao consultá-las para elaborar o texto para esta 16 ª Agenda dos Mistérios da Páscoa, referente ao Ladoeiro, deparei com uma dessas fichas encimada com as seguintes palavras: «Ladoeiro Primeira Sexta-Feira da Quaresma de 1994 e reza assim: Pelas 21H00, saiu da Misericórdia a Procissão dos Penitentes onde só participam homens. À frente vão os homens sem opa. A seguir, em duas filas, os Irmãos da Misericórdia de opa preta sem capuz. Apenas se apresentam de vara, o Secretário e o Tesoureiro, cabendo a este último entre outras funções estatutárias a de disciplinar e orientar as procissões organizadas pela Misericórdia. Em ambas as filas dos Irmãos, o último de cada uma segura a lanterna iluminada, ladeando assim o Irmão robusto que conduz uma pesada cruz com

Cristo arvorado. Junto da mesma segue o Pároco de alva e estola, incorporando-se a seguir demais homens e jovens.

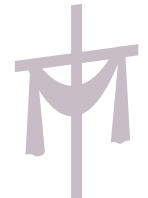
Ao longo do percurso, rezaram o terço cantado, com primor e devoção, numa encantadora melodia que deixam embevecidos visitantes, participantes de localidades limítrofes. Parando, durante o percurso, nos cinco poisos ou Passos, sempre na mesma rua e no preciso local. Logo que um dos Irmãos da Misericórdia tocava a campainha, começavam a rezar o Glória, enquanto todos se ajoelham, apenas com um dos joelhos, mantendo-se apenas levantados os Irmãos que conduzem as lanternas, o do Cristo arvorado e o Pároco.

Depois de cantada por todos a seguinte jaculatória: «Senhor Deus, misericórdia!», segue-se em silêncio absoluto, a leitura apropriada pelo Pároco em cada um dos Passos dos Mistérios Dolorosos. No final, todos se levantam e começam a caminhar cantando o Padre-nosso.

Os de opa, cantam a primeira parte da Avé-Maria e, de imediato, todos os restantes homens participantes cantam, a partir de Santa Maria. O mesmo acontece quando cantam ao Padre-nosso e o Glória. Sendo que no Padre-nosso, na segunda-parte, cantam ao modo antigo, isto é, em vez de cantarem: «O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos ofendido (...)», cantam: «O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores (...) e o Glória é cantado em latim.

Chegados ao Largo da Igreja Matriz, todos entram, esperando-os, ao longo da coxia, a Irmandade da Confraria do Santíssimo Sacramento, vestidos de opa vermelha. A Irmandade da Misericórdia avança pela coxia até à capela-mór, sendo aí, lido outro Passo.

Concluída a leitura, incorpora-se então a Confraria do Santíssimo com as habituais opas vermelhas.



Impressionou-me o seguinte: à medida que a procissão avançava, constituída por cerca de sessenta seres humanos do sexo masculino, que passavam pelas ruas, observei embevecido, atrás das vidraças, aquelas mulheres, transparecendo com uma fé viva nos rostos tisnados pelo sol, outras assomavam de porta entreaberta e ainda observei as que se juntavam, escondidas no xaile preto, nas esquinas das ruas, mas todas, todas, empunhando na mão uma vela ou uma pequena lanterna acesas.

Regressada a procissão ao ponto de partida, a Igreja da Misericórdia, antes da despedida, após todos dentro, é maravilhoso e lindo de ouvir, ambos os coros, alternando, a cantar em alta-voz, dentro das quatro paredes, a Salvé-Rainha!

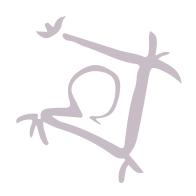
O Pároco, de rosto a espelhar contentamento, em sinal de despedida, deseja uma boa-noite a todos os participantes.

Nas ditas fichas, por fim, acrescentei: Enquanto na maioria das Irmandades das Misericórdias o Provedor também empunha a vara, qual a razão de na do Ladoeiro não se apresentar com a mesma?»

A dita Procissão nocturna realizou-se, em 1994, como atrás escrevi, mas, tal como na actualidade, realiza-se nas primeiras cinco Sextas-Feiras em vez das sete, conforme regista o 9º ponto do Compromisso de 1880, revelado pelo citado investigador José Hormigo, no seu livro: A Misericórdia do Ladoeiro (História).

Ainda quanto à descrição da antiga Procissão de Penitência, no dito livro, também menciona o percurso de forma completa e precisa em volta da povoação, tal como ontem e hoje.

Há ainda uma referência ao pálio com o Senhor conduzido pelo Pároco que já não acontece, bem como ao canto, durante percurso em vez da Ladainha cantada, passou a ser rezado com vigor e devoção o terço cantado pelos homens sem qualquer pudor ou acanhamento.





Quanto ao facto do Provedor não se apresentar de vara, nas Procissões Quaresmais, e o Secretário e o Tesoureiro comparecerem com a mesma, essa questão já me surpreendera em 1994. No meu modesto entender, parece-me que tal acontecera em Irmandades em que houve Provedor que desempenhou as funções por um período de tempo longo e por ter sido figura abastada e distinta no meio social. É óbvio, que por uma questão de afirmação dos seus sucessivos Provedores, descendentes de famílias não distintas tendeu para que a mesma situação continuasse com o passar dos anos, daí ter caído em desuso.

Curiosamente, quando, mais tarde, li o atrás citado artigo intitulado «A Procissão dos Homens no Ladoeiro» da autoria do investigador António Romeiro, constatei que este também anotou, àcerca da vara do Provedor, o seguinte: (...) As varas da Misericór-

dia estranhamente são duas Levam-nas o secretário e o tesoureiro, como foi dito, mas mais estranho ainda, o provedor não leva nenhuma. (...) Na Irmandade do Ladoeiro terá havido um abuso democrático resultante da interinfluência de vários factores. Um dos últimos provedores foi, durante muitos anos, um dos maiores proprietários da aldeia e a sua casa pega em ângulo recto com a capela (da Misericórdia). Tem (tinha) porta directa de casa para o corpo da capela ao nível do 1º andar. Este provedor nunca ia na procissão, deixando assim, de haver o símbolo do poder na rua, ou então, a vara passou a ser transportada por outro membro da mesa em sua substituição. Durante mais de vinte anos a capela esteve caída e ao abandono ficando também a Irmandade. A tudo isto há que juntar profundas alterações sócio-económicas e culturais das últimas décadas: subida do nível de vida, aumento de nível de escolaridade geral, melhoria de estradas e dos meios de comunicação, importância crescente do sector terciário... Seja como for, o certo é que a segunda vara, facilmente visível, apareceu há cerca de dez anos, quando se reiniciou a actividade da Irmandade e a Procissão, praticamente o seu único acto público. (...) (13)

Já agora, aproveito a oportunidade para contar aos leitores que, em tempos passados, o Provedor da Irmandade de Proença-a-Velha fora o Conde de Proença-a-Velha e seus descendentes. Acontece que, ainda hoje, numa evocação da última Ceia de Cristo com os Apóstolos em que instituíra a Eucaristia, na noite de Quinta-Feira Santa, quem preside à Ceia dos Doze é o Irmão mais antigo da Irmandade. Qual a razão para que não presida o Provedor, se nas demais Irmandades das Misericórdias do Concelho onde continua a ter lugar a Ceia dos Doze como a de Alcafozes, a de Segura e a de Salvaterra do Extremo, é o Provedor?

Poderá haver outro motivo, mas no meu modesto entender parece-me que o caso é semelhante ao da Irmandade do Ladoeiro. O costume do Irmão mais antigo, continua a ser prática, em Proença-a-Velha. Actualmente, o jovem que representa o Provedor e os demais Irmãos mais novos, que não pertencem àqueles, comem a mesma refeição de bacalhau, mas numa dependência contígua da destinada aos Doze. Já, em várias Quintas-Feiras Santas passadas tive o privilégio de cear conjuntamente com estes, na dependência contígua em que para além do prato do bacalhau também não faltam as azeitonas, o pão, o vinho e o queijo...

Depois de ter mencionado algumas das semelhanças e diferenças de ritos e rituais na Procissão dos Homens do Ladoeiro, confrontando valiosa documentação, até agora, inédita (desconhecida), apraz-me registar que esta tradição religiosa da Procissão dos Homens, em cada ano que passa, ao contrário das restantes procissões da Quarema que ocorrem no Concelho é notória a presença de mais participantes ladoeirenses, inclusive de jovens, sobretudo, nas duas últimas décadas.

Recentemente, em amena conversa, com o casal, Maria dos Anjos Pissarra e Manuel Rijo dos Santos, naturais e residentes em Idanha-a-Nova, ambos na casa dos oitenta anos de idade, veio à baila a Procissão dos Homens do Ladoeiro, tendo-me ambos afirmado que já por várias vezes participaram, na mesma, incluindo com familiares e que os impressiona a fé com que os homens mais idosos e os rapazes novos cantam, ao longo de toda a Procissão.







# **A VIA-SACRA PELAS RUAS**

Esta procissão penitencial da Via-Sacra é costume realizar-se, no quarto Domingo da Quaresma, pelas dezassete horas. Inicia-se na Igreja da Misericórdia com a presença do Pároco e em que os Irmãos da Irmandade da Misericórdia conduzem a imagem de Nosso Senhor dos Passos, de manto roxo, com a cruz às costas. Segue, em silêncio, a caminho da Igreja Matriz, mas não entra namesma. Logo que se aproxima a imagem do Senhor dos Passos do artístico portão de entrada para a Matriz, a imagem de Nossa Senhora do Rosário vestida de manto roxo (sem o Menino Jesus nas mãos, substituído por uma alva toalha de linho), conduzida pelos Irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento, incorpora-se atrás da imagem que iniciara a Procissão, sem portanto se proceder ao solene Encontro que terá lugar sim, como mais à frente será descrito, na Procissão do Encontro a realizar, na Quinta-Feira Santa, à semelhança da maioria das Paróquias do Concelho. Acrescento que ambas as imagens são de roca que os vizinhos espanhóis, denominam imagens de vestir. Daí que seja possível a substituição do manto por outro de diferente côr.

Nesse dito Domingo da Via Sacra, como atrás refiro, a Procissão segue a caminhada penitencial pelo percurso, de modo a parar, nas habituais catorze Estações. Em cada uma das paragens o Pároco lê para meditação dos fiéis penitentes uma breve descrição da mesma. Terminada a paragem na 14ª a Estação, bem próximo da Capela do Espírito Santo, sempre localizada à entrada ou saída da povoação, no caminho de Monforte da Beira, pertencente ao Concelho de Castelo Branco. Sem ser em Procissão, as imagens seguem acompanhadas dos fiéis moradores, em silêncio, até junto das Igrejas donde cada uma saiu. No Concelho de Idanha-a-Nova é a única Via-Sacra pelas ruas em que se incorporam ambas as imagens.



### PROCISSAO DE ARTA-FEIRA MAIOR

A seguir, como atrás refiro, graças ao investigador ladoeirense José Hormigo, passo a revelar aos leitores o modo como decorria esta inédita Procissão de Quarta-Feira Maior, ou seja, de Quarta-Feira Santa, bem como de alguns dos actos litúrgicos e para-litúrgicos, até à sua extinção.

«Realizava-se à noite. O Provedor seguia à frente com opa verde (rosmaninho) logo seguido do Senhor dos Passos, entre duas lanternas acesas; depois caminhavam as Irmandades e um grupo de homens. O padre e o conjunto de homens que se acolhiam sob o pálio, cantavam uma ladainha, à qual respondiam os demais.

### Sermão da Paixão

Na noite de Quarta feira Maior após a procissão ter recolhido à Capela, havia Sermão da Paixão.

Além vai Jesus Cristo Na Maior Solidão Num lado leva S. Pedro Noutro S. João

Noutro os 12 apóstolos Na sua mesa a comer pão Andai cá filhos Meus
Que vos quero confessar
Amanhã de manhã
Vinde a confessar
Antes que vós têdes
Tantos pecados...(14)

A Procissão de Quarta-Feira Santa, a Irmandade já não a organiza, embora não haja anotação, desde quando deixou de se realizar.

Na antepenúltima procissão dos Homens, deitavam-se "sortes" às irmandades para se apurar a quem calhava ir ao alecrim, para fazer a cama de Nosso Senhor, a qual devia ser concluída impreterivelmente, até ao meio dia. Visto que a partir daí, as pessoas iam trabalhar. Feita a cama onde N°. S°r. era deitado, colocavam a "Judeia," (um grande pano de armar pintado com a representação de Cristo, Judas e outras figuras). (Na Sexta-Feira Santa), O povo ia então beijar a imagem do Senhor, e do meio-dia para a noite organizava-se a Procissão Grande.» (15)

Porém, ainda antes de passarmos à descrição da chamada **Procissão Grande**, que nos últimos tempos é designada pelo povo por **Procissão do Encontro**, continua a ser organizada na Quinta-Feira Santa, pela Irmandade da Santa Casa da Misericórdia do Ladoeiro.

Gostaria de tecer algumas considerações relativamente ao último parágrafo que, atrás, transcrevi, a negrito. Mais precisamente, referentes ao *alecrim* e ao precioso *pano de armar*, obra de artista popular, com pintura a óleo sobre linho, do século XVII, que os ladoeirenses continuam a denominar «**Judeia**».

Enquanto os Irmãos da Misericórdia do Ladoeiro costumam "fazer cama" com ramos viçosos e aromáticos de alecrim para deitar a imagem de Jesus Cristo arvorado na cruz para esta ser beijada pelos fiéis, em *Sexta-Feira Santa*, tal como os da Irmandade de Medelim, gostaria de registar que, é na *Quinta-Feira Santa*, tal como, na Igreja da Misericórdia de Segura, onde é é atapetado todo o lajedo da mesma com os ditos ramos alecrim e na Igreja da Misericórdia de Alcafozes, apenas é atapetada a capela-mor e a respectiva mesa do altar-mor.

Ao reflectir sobre tal rito do alecrim, dou comigo a questionar-me. Não terá tal gesto do uso, da experiência do perfumado e bem cheiroso alecrim, uma evocação do odor do nardo, o perfume com que Maria Madalena, Padroeira dos Templários derramou sobre os pés de Cristo, em ambiente e cenário comemorativo, no caso de Segura e Alcafozes, na Quinta-Feira Santa, no Lava-Pés, na Ceia do Senhor e na Sua entrega por Judas ou, no caso, do Ladoeiro e Medelim, na Sexta- Feira Santa, na adoração da Santa Cruz e beijar da Cruz?

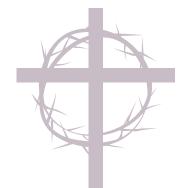
«A pecadora arrependida (...) Ora uma mulher conhecida como pecadora naquela cidade, ao saber que ele estava à mesa em casa do fariseu trouxe um vaso de alabastro com perfume; colocando-se por detrás d' Ele e chorando, começou a banhar-Lhe os pés com lágrimas; enxugava-os com os cabelos e beijava-os, ungindo-os com perfume.» Mc. 7 – 37-38. (16)

Do poeta barroco Manuel de Oliveira Basto (1636-1711), de nacionalidade portuguesa, não resisto em transcrever este soneto, que intitulara: **A Santa Maria Madalena aos Pés de Cristo**.

### Soneto XCVII

Solicita, procura, reconhece, com desvelo, com ânsia, com ventura, sem temor, sem soberba, sem loucura, a quem ama, a quem crê, por quem padece.

Ajoelha-se, chora, se enternece, com pranto, com afecto, com ternura, e se foi indiscreta, falsa, impura, despe o mal, veste a graça, o bem conhece.



A seu Mestre, a seu Deus, a seu querido, **rega os pés**, ais derrama, geme logo, sem melindre, sem medo, sem sentido.

Por assombro, por fé, por desafogo, nos seus olhos, na boca, no gemido, áqua brota, ar respira, exala fogo. (17)

Não tenho conhecimento que noutra localidade do País, aconteça também como em Monsanto, no concelho de Idanha-a-Nova, que, na Sexta-Feira Santa, na Igreja Matriz, durante as cerimónias que ocorrem antes da Procissão do Enterro do Senhor, durante o sermão, no púlpito, que conta com pregador, os fiéis aguardem o momento da representação cénica do arrependimento de Maria Madalena.

Logo que o pregador começa a narrá-lo, passeia-se na coxia, uma jovem de cabelos soltos compridos, vestida de preto com um xaile vermelho sobre os ombros. Quando os seus olhos batem com a imagem de Jesus Cristo, atira energicamente o xaile colorido para o chão e lança-se correndo para os pés da dita imagem de tamanho natural, onde, num silêncio sepulcral, permanece por algum tempo, espelhando o seu arrependimento, aquela que fora apelidada de "pecadora" e "prostituta".

Não posso deixar de registar que se deve ao cordial e abençoado Papa Francisco que elevou a memória litúrgica de Maria Madalena ao nível de festa, a partir do dia 22 de Julho de 2016, reconhecendo sua importância singular na história da Igreja. Em seu Decreto, o Papa recorda o frade dominicano São Tomás de Aquino (1225-1274), que a chamou de «Apóstola dos Apóstolos», um título que evidencia o seu papel como a primeira mensageira da Ressurreição de Cristo.



Quer o alecrim, quer a representação cénica de Maria Madalena, não serão gestos e modos catequéticos da evangelização dos Templários, preciosa herança legada às gentes das terras das Idanhas onde fundaram sete castelos, na infância de Portugal?

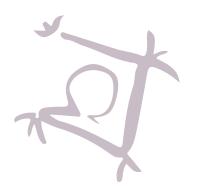


Quanto às considerações, relativas ao pano de armar da Irmandade da Misericórdia do Ladoeiro, começo por anotar que estes panos de armar ou painéis, na Semana Santa ou mais precisamente, na Quinta-Feira Santa, eram colocados no interior das igrejas ou então na frontaria das mesmas, sempre que as condições atmosféricas o permitiam.

Em relação ao pano de armar do Ladoeiro, pintura a óleo sobre o pano de linho, é digno de ser admirado, porque representa a *Traição de Judas*. O evangelho de São Marcos relata o acordo entre Judas e os príncipes dos sacerdotes: «(...) Então, Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os príncipes dos sacerdotes para lhes entregar Jesus. Estes, ao ouvirem-no, regozijaram-se e prometeram dar-lhe dinheiro. E ele espreitava ocasião favorável de O entregar. (...) (*Mc 14. 10-11*) (18)

No dito pano de armar pode o leitor observar como figura central Jesus Cristo, apresentando uma auréola (arco) sobre a cabeça, tendo do seu lado direito, três dos apóstolos, encontrando-se junto a si, a figura de Judas que parece entregar-Lhe junto à mão direita uma bolsa, certamente com o dinheiro atrás citado no Evangelho de S. Marcos, a seguir a Judas outra figura (apóstolo?) que parece tocar num chifre e finalmente, uma outra que poderá ser S. Pedro com a espada, ao alto. Do lado esquerdo de Cristo parecem ser quatro dos guardas " (...) guardas fornecidos pelos príncipes dos sacerdotes e pelos fariseus (...)" (Jo 18.3) (19) e atrás do guarda, junto a Cristo, entrevê-se o pescoço e a cabeça de um cavalo.

Quanto ao pano de armar, a que atrás aludo, não só o povo do Ladoeiro possui essa jóia do século XVII, mas também o de Medelim e o de S. Miguel de Acha. Todas elas, na verdade, após séculos passados, são preciosidades, por serem muito raras, dada a sua



fácil deterioração, ao longo dos anos, senão houver mil cuidados e amor na sua protecção. Para além de serem muito raras, possuem um enorme valor pedagógico e catequético, especialmente nos tempos em que o analfabetismo reinava.



Os ditos panos de armar, painéis pintados a óleo sobre linho, como atrás referi, representam, os dois últimos, respectivamente, a *Flagelação de Cristo* e o *Beijo de Judas*, como simbólica da traição. Felizmente e em boa hora, no da Misericórdia de Medelim, ficou assinalado, na parte inferior do dito pano, em letras a preto sobre fundo branco a seguinte legenda: «ECONFLAGELIA PARATUS SUM (ESTOU PRONTO PARA A FLAGELAÇÃO) Aº:1688» (século XVII). Lamentavelmente, como se constata na fotografia seguinte, o de S. Miguel de Acha encontra-se bastante danificado, mas merecedor de uma urgente intervenção.

Em entrevista que realizei, na sacristia da Igreja da Misericórdia do Ladoeiro, no passado dia 22 de Janeiro, com o Irmão António Lopes Ribeiro, natural da mesma localidade, de oitenta anos de idade, cuidadoso e dedicado decano (o mais antigo) de alma e coração, comecei por lhe perguntar:

- Sempre colocaram o pano de armar, que me mostrou, na Semana Santa?

António Ribeiro: - Como sabe, a Misericórdia esteve uns anos em ruínas. Logo que foi reconstruída, lembra-me que começaram com garra a levar por diante as cerimónias que competiam à Misericórdia. A partir daí, o que mais me vem à lembrança é o Encontro da Procissão Grande, a lembrar em cada ano que passa o Encontro entre a imagem do Senhor dos Passos e a de Nossa Senhora do Rosário. Quanto ao pano que me pergunta, penso que sempre se colocou, depois da Misericórdia que estava em ruínas, ter sido reconstruída. Este costume continua mantido, embora haja uma ou outra voz a não querer, dizendo por ser antigo que se retire, mas graças à dedicação da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia do Ladoeiro, de um modo especial e, ao respeito e devoção do seu



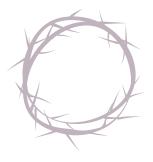


povo, vai continuar. Eu já fui Provedor várias vezes e agora sou Vice-Provedor, acredito que sempre se colocou, na Sexta-Feira Santa de manhã, quando acontece o "beijar do crucifixo". Tenho já idade, sempre todos servimos por amor e devoção a Misericórdia e temos muito amor por este enorme pano de 230X200.

### - Pagam quota?

António Ribeiro: - A quota passou de três para cinco euros, na Assembleia Geral do ano passado, quando entrou o novo e jovem Provedor, Pedro Ribeiro, que também é do Ladoeiro. Nós, os Irmãos, estamos todos, mesmo todos, por termos muita e muita esperança, no actual jovem Provedor. Ele tem garra. Desde que haja amor à nossa Terra e a devoção e a fé que nos transmitiram os nossos pais e avós, a Misericórdia vai continuar. Como disse, tenho já idade e dificuldade em me movimentar, mas cá continuo até que haja forças. Se Deus permitir, logo que acabe este mandato como Vice-Provedor, ficarei apenas como Irmão até que Deus me dê forças e sempre disposto a transmitir a minha experiência de Irmão mais antigo ao Provedor e aos outros Irmãos. É quase garantido que ele, acompanhado dos Irmãos, vai dar continuidade às tradições que nos deixaram os nossos pais e avós.

Na verdade, não tenho conhecimento que semelhante representação cénica do "beijar da cruz ou crucifixo", se mantenha com a pureza da do Ladoeiro, conforme a foto seguinte. É uma bênção de Deus. Louvado seja Deus!



Denominavam-se Endoenças ao conjunto dos ofícios religiosos que ocorriam na Quinta-Feira Santa.

Enquanto em Proença-a-Velha, na Quinta-Feira Santa, no final da Ceia dos Doze, logo que se aproxima a meia-noite, os Irmãos mais novos da Irmandade da Misericórdia se preparam para cantar, em voz alta, o **Louv'ádssíssimo**, enumerando os sofrimentos de Jesus Cristo na sua Paixão, pelas ruas da aldeia, em passo acelerado, em S. Miguel de Acha, um grupo de homens recriara e mantém também o canto das Ladainhas, pelas ruas. Ora acontece que o meu colega e investigador José Hormigo revelou-me, nos termos abaixo reproduzidos, que os homens do Ladoeiro, em tempos recuados, cantavam do mesmo modo as **Ladainhas**.



## **AS LADAINHAS**

José Hormigo: - Quanto a procissões, manifestações religiosas, tenho como te disse umas breve linhas dedicadas a costumes muito antigos, os quais já ninguém deve conhecer. Da Monografia do Ladoeiro que elaborei, e também tenho na gaveta há muitos anos para publicação, transcrevo:

(...) Outro costume antigo, mencionado em documentação do século XIX, consistia na peregrinação de seis a sete homens, que percorriam as ruas da aldeia, mergulhada na escuridão da noite. Realizavam esse percurso sem velas ou qualquer outro tipo de iluminação, entoando ladainhas. Reuniam-se inicialmente na igreja, seguiam pela Rua do Saco e retornavam à igreja, onde realizavam um "oficiamento" a um santo, rezando um Padre-Nosso. No século XIX, como esse costume já estava em declínio, os membros da Junta de Paróquia consideraram seriamente a sua revitalização, determinando que houvesse "Endoenças na forma do costume antigo".»

Voltemos, de novo e agora, à **Procissão Grande**, que também se realiza, na Quinta-Feira Santa, e que comemora e evoca o caminho que Jesus percorreu carregando a cruz, desde o Pretório (Tribunal) de Pilatos ao Calvário. De seguida, começo por transcrever outro texto que extraí do livro de José Hormigo, *A Misericórdia do Ladoeiro (História)*, relativo à dita Procissão.





ିଶା Ladoeiro - Procissão do Encontro



# PROCISSÃO GRANDE

(...) No âmbito das celebrações quaresmais, a procissão assim intitulada, assume-se como um dos mais importantes acontecimentos religiosos da aldeia. A sua origem acusa recuada antiguidade, e creio que de uma forma geral, prevalece inalterada. Efectua-se na 5ª feira Santa. Porém, desta vez, incorpora-se nela todo o povo da aldeia com muita devoção, fazendo o percurso que é habitual. Organiza-se com uma composição simples. Sai da igreja com a seguinte ordem: na vanguarda, incorpora-se a Cruz processional envolta em crepes negros, ladeada por dois homens empunhando lanternas. Seguem-se as confrarias.

Vem depois o andor do Senhor dos Passos, conduzido pelos homens da confraria do Senhor, ladeado por quatro lanternas. As mulheres e as crianças formam compridas alas ao longo das ruas e a procissão atravessa lentamente a aldeia mergulhada em escuridão, descendo pela rua do Saco, passando à "ponte", depois inflectindo-à esquerda, em direcção à Misericórdia onde fazia uma paragem. Da varanda da Casa Silveira, em ambiente de impressionante silêncio, o sacerdote profere eloquente e sentido sermão, escutado com grande fé e emoção; enquanto decorria este acto, acontecia o encontro de Nossa Senhora do Rosário em que surgiam nas suas vestes negras, conduzidos por homens e aproximavam de Nosso Senhor dos Passos, também envolto em manto negro; nesse momento, o sermão aumentava de intensidade dra-

mática. Terminado este acto comovente, o cortejo prosseguia a sua marcha lenta e silenciosamente, Rua da Misericórdia adiante, enquanto ecoavam os mesmos tristes cânticos litúrgicos, que vinham de tempos imemoriais, aos quais os homens do povo imprimiam um cunho muito próprio: "San... ta...a.a"..., respondendo o coro: «Orá...pri...nó...ó... ó...bis», Deste modo prosseguia o cortejo pela Rua da Porta até recolher finalmente à Igreja Matriz.» (20)

Ainda, na entrevista que realizei, na sacristia da Igreja da Misericórdia do Ladoeiro, António Lopes Ribeiro, informou-me que desde pequeno ouviu ao povo chamar à Procissão de Quinta-Feira Santa, Procissão Grande. Questionei-o da razão do povo a chamar *Procissão Grande*. E, prontamente, respondeu-me:

António Ribeiro: - Porque a procissão dá volta e meia. Faz-se pelo mesmo percurso das outras, mas esta é a maior de todas. Já noite, a seguir à Missa (Celebração da última Ceia), na Igreja Matriz, o Pároco, a Confraria do Santíssimo Sacramento e parte do povo dirigem-se à vontade para a Misericórdia sem se organizar procissão. A Procissão inicia-se, quando a imagem do Senhor dos Passos com a cruz às costas, conduzida pelos Irmãos do Santíssimo, sai da Igreja Misericórdia. O percurso dá volta pela Igreja Matriz. Logo que sai a imagem do Senhor dos Passos, pouco tempo depois os Irmãos da Misericórdia, que, na véspera, pela noite, tinham conduzido da Igreja Matriz a imagem de Nossa Senhora do Rosário para a Igreja da Misericórdia, saem com a mesma, por outro caminho, para que possa acontecer o Encontro. Tudo se passa com muito respeito e em silêncio. Depois do Encontro, a Procissão seque a caminho da Misericórdia e aí, fica a Imagem do Senhor dos Passos. E nós, Irmandade da Misericórdia, continuamos na Procissão com a imagem de Nossa Senhora do Rosário até à Igreja Matriz onde termina a **Procissão** Grande.



Os ritos e os rituais cumprem-se. Os mesmos Irmãos do Santíssimo que conduzem o andor de Senhor dos Passos por ser pesado, são os mesmos que conduzem o esquife, com a imagem do Senhor Morto na Sexta-Feira Santa, salvo se algum cede o "banzo" do andor a pedido de outro Irmão. Os Irmãos da Misericórdia também na Sexta-Feira Santa conduzem, na procissão, a Imagem de Nossa Senhora do Rosário atrás do esquife.»

Concluí, após a descrição pormenorizada do Vice-Provedor António Ribeiro que ao confrontar com a antiga do investigador José Hormigo, constata-se que, nos tempos de hoje, já não é costume haver a paragem para que o Pároco faça o sermão da varanda da Casa Andrade Silveira, contígua à Misericórdia, e, portanto, de forma simplificada, deixou de haver o dito Sermão do Encontro. Todavia, como atrás informa António Ribeiro, o Encontro continua a realizar-se, mas antes, noutro local, no Largo da Avenida, desde que a Misericórdia foi reconstruída.

Como o tempo voa! No final da entrevista, ao passar da sacristia da Misericórdia para a Igreja, logo que os meus olhos miraram o altar, bailou logo na minha mente a figura de outra pessoa com 69 anos de idade que Deus chamara, no ano 2 000. O seu nome era Maria Neves, pessoa devota e dotada de uma misteriosa e íntima energia que em parte gastou, depois da reconstrução da Misericórdia, não só quando, como Irmã, nas Procissões, ostentando com brio como distintivo o crucifixo e a cinta preta, em vez da opa, mas também sempre pronta a ajudar, no asseio e limpeza da Igreja da Misericórdia, caiando, pintando, ou até limpando a cera das grades.

Ainda me lembra de a observar de olhar vivo, fixo na parede, em frente, e cruzando os braços sobre o peito, proferir as seguintes



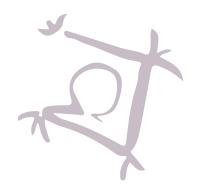
Distintivo das irmãs da Misericórdia em substituição da Opa

palavras: - A nossa Misericórdia quase parece um palheiro, bem merecia um altar como dizem que antigamente tinha.

Foi graças ao seu empenho e luta, bem como a de António Ribeiro e a de outros zelosos Irmãos, com destaque para o então dinâmico e saudoso Provedor José Maria Marques Amaro Ribeiro que se tornou realidade o novo altar de talha dourada em arco abatido a folha de oiro de 22 quilates com aproveitamento de duas colunas em talhas existentes onde sobressai um painel de 230X180 em tela pintado a óleo com Nossa Senhora da Misericórdia em que no amplo manto alberga oito simbólicas figuras humanas. Ladoeiro continua sem saldar a dívida de gratidão para com o Provedor José Maria Ribeiro, lutador incansável não só em prol da Misericórdia, mas também defendendo, ao longo de anos, nos Jornais Raiano Reconquista o progresso e o melhor bem-estar da sua comunidade, bem como no engrandecimento da história de vida da A.C.D.L. Aos 42 anos de idade perdeu a vida em acidente de viação quando acompanhava, no mesmo meio de transporte, a equipa de Futsal do seu torrão natal, a caminho de Penacova para aí ir jogar com a local.

Em tempos de crescente desencanto, em que escasseiam os valores morais e a dedicação desinteressada a bem do património material e espiritual que nos legaram nossos pais e avós, importa sim realçar memórias, exemplos de vidas cujo testemunho se transforme num exemplo para nós.





### N-FEIRA SANTA VISITA ÀS IGREJAS

Já lá vão trinta e cinco anos, quando um grupo de idanhenses recriou o costume do canto da Encomendação das Almas, todas as Sextas-Feiras da Quaresma. Nessa altura, ainda me lembra de ouvir dizer à saudosa Ti Benvinda Tapadas, que agora teria 106 anos, que lhe contara o seu pai e meu vizinho, António Tapadas, que na Sexta-Feira Santa, havia o costume da "Visita às capelas" da Vila onde se ajoelhavam e rezavam à porta de todas.

Na sequência da informação do colega José Hormigo referente às Ladainhas, como atrás anotei, também me fez referência à "Visita às Igrejas", nos mesmos termos:

«Antigamente, ao amanhecer da Sexta-feira Santa, um grupo de homens, envergando gabões e exibindo garruços enfiados na cabeça, percorria todas as ermidas da localidade, rezando. Este grupo dava a volta à povoação, dirigindo-se inicialmente à capela do Espírito Santo, seguindo depois para a Misericórdia e, sucessivamente, para as restantes capelas: S. Sebastião, Santo Antão e S. Pedro. Junto às capelas, os homens ajoelhavam-se, rezavam e cantavam as respetivas ladainhas. Este costume, muito antigo e há muito tempo extinto, caiu no esquecimento, e já ninguém fala dele. Era conhecido como "Visita às Igrejas" e, nos anos 60 do século passado, ainda era recordado por algumas pessoas.»





## EIJAR A CRUZ

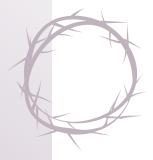
Ainda, na manhã de Sexta-Feira Santa, desde as nove às doze horas, os fiéis costumam deslocar-se à Igreja da Misericórdia para o beijar da cruz ou crucifixo com oração, reflexão e, antes ou no fim, procedem ao ritual do "beijar de Cristo" no crucifixo sobre alectim.

Parte do chão da Igreja, está coberto de alecrim, próximo da grade, e na qual encosta o atrás citado pano de armar com a pintura, representando a Traição de Judas. Ao centro deste, por cima do alecrim, colocam uma almofada de cor-roxa e, por cima desta, um pano de linho e renda onde assenta deitado o crucifixo. O cenário apresentado é bastante triste e fúnebre, bem apelativo à reflexão sobre a paixão e morte de Jesus Cristo.

Dois dos Irmãos, de pé, empunhando a tocha acesa, em silêncio, vão-se revezando durante o tempo em que acontece o ritual do "beijar a cruz ou Crucifixo". Os demais Irmãos, na sacristia, aproveitam o convívio para adoçarem a boca, sem carne, conforme, mais à frente, darei conta aos prezados leitores.







### SENHOR PROCISSÃO DO ENTER

Pelas quinze horas de Sexta-Feira Santa costuma juntar-se um grupo de fiéis, na Igreja Matriz, para rezarem a Via-Sacra, no seu interior.

Nessa mesma noite de Sexta-Feira Santa, pelas vinte horas e trinta minutos, inicia-se a cerimónia da Adoração da Cruz, na Igreja Matriz, seguindo-se a Procissão do Enterro do Senhor. No religioso cortejo, a imagem do Senhor morto no esquife é conduzida pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e, atrás, segue a Imagem de Nossa Senhora do Rosário, vestida com manto preto, que é conduzida pela Irmandade da Misericórdia. Segue o percurso, num silêncio sepulcral, apenas quebrado, por vezes, pelo latir dum cão, passando em frente da Igreja da Misericórdia sem parar e regressa ao ponto de partida. É óbvio, sem os penitentes todos carregados de luto, como ocorria, nos meus verdes anos, agora com os meus oitenta e dois anos com a graça de Deus e de Maria Santíssima que nós, arraianos de todo o Concelho de Idanha, invocamos com o nome de Nossa Senhora do Almurtão.





## SAGRADOS E PROFANOS

O citado opúsculo da autoria do investigador José Hormigo termina:

«Articulada à quadra da Quaresma, realizavam-se igualmente dois ofícios: o da Misericórdia e o do Santíssimo. Assim no dia do ofício da Misericórdia, Quarta-Feira, a meio da Quaresma, o Provedor levava um pipo de vinho, arroz e bacalhau que marcava (comprava); depois, em sua casa, servia uma jantarada, na qual abancavam estas duas Irmandades, reunindo o total de umas 16 pessoas. Seguindo a tradição, os sobejos da refeição eram depois dados aos pobres. (...) (21)

Segundo o informante, Irmão António Ribeiro, Vice- Provedor e o mais antigo da Irmandade, na Sexta-Feira Santa, actualmente, é costume, enquanto dois dos Irmãos que se rendem, estão presentes, na Igreja da Misericórdia, de pé e de tocha acesa, durante o tempo em que os devotos participam, em oração e reflexão e beijam o Crucifixo, os restantes Irmãos confraternizam na Sacristia comendo amêndoas e bolos secos, estes, acompanhados de um copo de jeropiga, aguardente ou vinho do porto. Mais informou que, no Domingo de Passos, costuma haver um jantar da Irmandade da Misericórdia, num dos restaurantes da localidade.

Este costume antigo das Irmandades confraternizarem, criando e estreitando laços de vizinhança entre os Irmãos, no meu entender,

70

deverá ter-se iniciado com o bendito costume da evocação da Ceia de Cristo. A Ceia do Senhor foi instituída por Jesus Cristo, em Quinta-Feira Santa. O Evangelho de São Mateus regista, nestes termos: «Enquanto comiam, tomou Jesus o pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deu-o aos Seus discípulos, dizendo: "Tomai e comei: isto é o Meu corpo". Tomou, em seguida, um cálice, deu graças e entregou-lho dizendo: "Bebei dele, todos. Porque este é o meu sangue, sangue da aliança, que vai ser derramado por muitos para remissão dos pecados." Mt. 26: 26-28. (22)

Daí que, com a criação da Irmandade da Santa Casa das Misericórdias e sua expansão, logo no início do século XVI, o modo mais concreto de lembrar a Ceia de Cristo com os Apóstolos começasse o mesmo ritual entre os Irmãos. Ainda hoje, após as costumadas cerimónias de Quinta-Feira Santa, realiza-se, em quatro Irmandades deste Concelho de Idanha-a-Nova, a Ceia dos Doze, formada pelos Irmãos mais antigos da Irmandade, e em que o Provedor serve a Ceia do Senhor com peixe frito ou bacalhau e. no fim, rezam pelos Irmãos falecidos, ao longo da existência da mesma Irmandade. É o caso de Segura, Alcafozes, Proença-a-Velha e Salvaterra do Extremo. Nas duas primeiras Irmandades, realizam, na mesma manhã, um peditório de casa em casa, saindo da sacristia da Igreja da Irmandade, a costumada Bandeira da Irmandade erguida por um dos Irmãos, vestido com o balandrau, enquanto outros levam uma caldeira para aceitarem as ofertas do azeite, outros uma cesta para os ovos e outro tipo de géneros alimentícios, uma bolsa de pano para o dinheiro que reverte a favor da Ceia dos Doze. Em anos setenta do século passado, ainda assisti, em Segura, à Ceia dos Doze em casa do Provedor. Deixou de fazer-se, também nas restantes, dada a avançada idade dos



Provedores e esposas. Passou a ter lugar, nos Centros de Dia, excepto em Proença-a-Velha que se mantém, numa das dependências da Igreja da Santa Casa da Misericórdia, sendo cozinhada e oferecida por dois Irmãos dos Doze.

Acresce anotar que também os Doze da Irmandade da Misericórdia de Idanha-a-Nova, Ladoeiro e outras costumam confraternizar, numa refeição em datas distintas. No meu entender, seguramente, também em tempos recuados, a realizariam, na mesma Quinta-Feira Santa, mas por diversas razões que desconhecemos, passaram a realizar a refeição noutro dia mais conveniente.



ର୍ତ୍ତୀ Ladoeiro - Canto da Aleluia - Alvíssaras



# O SÁBADO DA ALELUIA

Aleluia! Aleluia! Aleluia! Já é festa! Alegre-se Mãe de Deus! Nossa alegria é esta.

O canto alegre das Alvíssaras encerra o ciclo da música popular religiosa da Quaresma, com a alegria transbordante da ressurreição de Jesus Cristo, no Sábado Santo ou Sábado de Aleluia. Acabam-se os cantos dolentes e compassados da Paixão e Morte de Cristo. É dia de reunião de grupos de mulheres, cantarem ao toque do milenar adufe, as Alvíssaras à Virgem Maria, Mãe de Deus, junto do portal da Igreja e dali, correr as ruas da povoação anunciando a Ressurreição de Jesus Cristo e ir dar as Boas Festas ao Pároco que no final do canto e do toque do adufe ou pandeiro, retribui oferecendo amêndoas e bolos secos, mas dantes recebiam passas e castanhas piladas (secas).

Felizmente que, no Ladoeiro, graças ao autor do livro: **O Homem, esse meu desconhecido**, que atrás nos brindou com a encantadora descrição da Encomendação / Martírios, nos finais dos anos quarenta do século passado, agora dá-nos como prémio mais duas preciosas descrições do canto das Alvíssaras, em Sábado de Aleluia, e da Procissão da Ressurreição em Domingo de Festa ou Domingo da Ressurreição.

Todavia, antes de se referir às Alvíssaras, informa-nos que na noite de Sexta-Feira Santa, "toda ela inteirinha, devotada a este ritual antigo". Esse tal ritual cumpria-se rezando vinte sete terços que ao clarear do dia seguinte, Sábado de Aleluia, os iam oferecer a Nossa Senhora, na Capela do Espírito Santo. Também o culto ao Espírito Santo, tão arreigado na Beira Baixa, ainda é preservado de forma ímpar pelos ladoeirenses e a merecer estudo aprofundado por investigadores do domínio das Ciências Sociais.

Acorde Senhor Vigário, Já, não é o primeiro. Venha dar as Boas Festas Ao povo do Ladoeiro.

O capítulo do mencionado livro, justamente, intitula-se:

«ALELUIA!

Ainda mal se divisava a luz do dia a insinuar-se pelas frestas da janelinha do meu quarto e, ao longe, primeiramente muito confuso e, depois, progressivamente mais nítido e mais forte, ouvia-se um alegre coro: vozes de mulheres, acompanhadas pelo som garrido do adufe, que vinham da Capela do Espírito Santo, situada a pouca distância da povoação, de oferecer, a Nossa Senhora, os 27 terços—vinte e sete terços! — que tinham rezado numa noite anterior, toda ela inteirinha devotada a este ritual antigo.

O coro, harmonioso e entusiástico, vibrante de saúde e de optimismo, aproximou-se em poucos momentos da minha casa e, uma vez chegado ao patiozito que antecede a escadaria de pedra,





redobrando o entusiasmo das cantoras, tornou-se mais estridente ainda e mais ensurdecedor o barulho dos pandeiros, vibrados com energia.

Eu, espicaçado de curiosidade, ergui-me da cama o, de roupão vestido, fui à janela contemplar a festa, o que motivou o recrudescimento do entusiasmo das cantadeiras que, ao enxergarem-me por detrás dos vidros, se descontrolaram do todo, gritando a plenos pulmões — até mais não podereml—, numa algazarra indescritível.

Aquelas camponesas—e havia-as de todas as idades, algumas, ainda mal saídas da puberdade e outras, de cabelos já encanecidos —, plenamente descontraídas, davam largas ao caudal de saúde e felicidade que não podiam conter disfarçado dentro delas e, tomando como justificação o carinho que julgavam dever ao seu clínico—e qualquer motivo lhes serviria de justificação para descarregarem o apetite infrene de actuar que as espicaçava —, denunciavam assim, espectaculosamente, a alegria das viver que as electrizava. Uma voz esganiçada, gritava, até desafinar, umas ingénuas quadras, que começavam sempre da mesma maneira.

— «Ora viva o Senhor Doutor mais a sua companhia!»

E, terminada esta, logo o coro inteiro, com convicção, respondia, entusiasmado:

«Mai» devagarinho, que alevanta o pó...

Trailariloléla, Trailarilóló!»

Comovido, acenei-lhes com a mão, num agradecimento sincero e retirei-me para o quarto, certo de que enquanto eu ali estivesse elas se não calariam só então, depois de cantados todos os versos que tinha arquitectado, o alegre grupo se afastou, sempre cantando

vibrantemente, em direcção a casa do Senhor Vigário, a quem iam dar as alvíssaras, também.

Contaminou-me aquele ambiente de felicidade pura. Que felizes eram os camponeses! Não tinham problemas espirituais, nem metafísicos, sabiam e podiam dosear c refrear os seus sentimentos e gozavam a vida e a alegria que lhes advinha de uma profissão natural e abençoada que lhes pagava o suor de cada dia com os juros certos de saúde e tranquilidade. Que pena senti de não ter sido creado num ambiente assim sadio e despreocupado! Mas não. Não havia remédio! Toda a minha educação me sensibilizara para avolumar preocupações e sofrimentos. Sempre cultivara uma hiperestesia (aumento da intensidade das sensações) incompatível com a felicidade. Ah! Eu nunca poderia ser feliz!» (23)







No Domingo de Páscoa, é comum na maioria das paróquias, haver a Procissão da Ressurreição, seguida da Missa Pascal. Os sinos repicam à saída da Procissão da Ressurreição criando um ambiente festivo de vitória da vida sobre a morte.

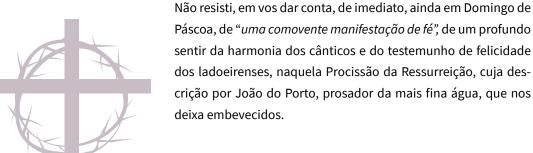
No Ladoeiro, mantem-se ainda vivo o culto ao Divino Espírito Santo que contempla a par da espiritualidade, a fraternidade social e a multiplicação de rituais. Inicia-se, no Domingo de Páscoa. Pela manhã, antes da Procissão da Ressurreição e da Missa que é celebrada na Igreja Matriz, os festeiros do Divino Espírito Santo de cravo vermelho na lapela, excepto o do alferes que é branco, saem em cortejo da moradia do antigo coroeiro para a casa do novo, a quem caberá guardar religiosamente as Insígnias, seguindo depois a caminho da capela do Divino Espirito Santo.

À frente, vai a Bandeira do Divino Espírito Santo, empunhada pelo alferes que é sempre um jovem, seguindo-se o coroeiro com a coroa numa bandeja com pé, enfeitada de cravos vermelhos. Aos demais festeiros cumpre levar um, a vara encimada pela "pomba grande", outro a da "pomba pequena" e quatro, cada um com a sua vela, sendo todas estas insígnias enfeitadas de fitas e de cravos vermelhos. Ao longo do percurso, pelas ruas, vão acompanhados de familiares e devotos cantando o Bendito e Louvado. Na dita capela que fica situada nas imediações da povoação, os festeiros conjuntamente com os fiéis presentes participam na Celebração da Palavra.



Em todos os Domingos, desde o de Páscoa até ao de Pentecostes, cinquenta dias após a Ressurreição, repete-se o acto litúrgico e o respectivo cortejo dos festeiros do Divino Espírito Santo. Estes são nomeados em cada ano, por ruas, havendo ainda em cada Domingo o jantar do Divino Espírito Santo, servido em casa de cada um dos festeiros.









«(...) Domingo de Páscoa, a procissão fora monumental. Só uma vez na minha vida eu tinha assistido a uma cerimónia daquela natureza e a impressão que dela me ficou foi completamente diferente. O que eu tinha visto, há muitos anos atrás, numa vilazita do Norte do País, fora um espectáculo magestoso, é certo, mas que se contemplava com indiferença; o que eu observara agora, era uma comovente manifestação de fé. A não ser eu, ninguém mais contemplava o desfile: todos os habitantes da aldeia iam incorporados na procissão. Nas janelas das modestas casinhas, enfeitadas com lindas e espalhafatosas cobertas e vasos de flores não havia mirones: toda a aldeia desfilava, compungidamente, na procissão. Em vez de exibicionismo, havia crença, harmonia, comunhão de ideais. A aldeia formava, incontestavelmente, uma unidade, uma família e exteriorizava esta coesão com esta manifestação de arte e bom gosto – magnificamente!

Como era possível que pessoas que nunca tinham sido ensaiadas, algumas, até, que não estavam habituadas a cantar—, como eram os velhos pastores, os anafados comerciantes e os velhinhos e velhinhas caquécticos—, como era possível modelarem as vozes com tanta harmonia, com tão perfeito sentimento da arte e da melodia?

Dentro dos envolucros rústicos daqueles corpos, havia alma, elevação, havia fé. Nenhuma voz destoava do conjunto, não se divisava nenhuma pessoa que, pelo seu porte ou pela sua figura, fizesse diminuir o valor artístico e sentimental do desfile.

Que bom seria ter, como aqueles aldeãos, o espírito calmo e conformado, não sentir, perenemente, a envenenar o sangue, o veneno escaldante do pensamento. Desfilar, em passo lento, magestoso, descontraído, a cantar litanias ao bom Deus, que nos dá o pão, que nos dá as forças para o arrancar das terras lavradias, que



nos dá a resignação para suportar todas as contrariedades que vierem, que nos dá o entusiasmo para o louvar em companhia de tantos que comungam dos mesmos anseios, sentem a mesma fé, têm a mesma raça!

Que felizes são os habitantes da aldeia! Era o comentário lógico que me despertara aquela atmosfera impregnada de paz e de alegria.

Finda a procissão, sentei-me na varandinha que dava para o quintal, sentindo no ânimo os benéficos efeitos daquele ambiente celestial.

No firmamento, muito azul, onde nuvens, muito brancas, voavam mansamente, perpassavam, lestas, as manchazinhas redondas do fumo dos foguetes, que continuavam a animar e a dar um tom de riqueza e imponência à procissão que, já muito distante, estava prestes a recolher. O sino da Misericórdia — que miraculosamente se conservava funcional sobre os escombros do vetusto templo, — situado a pouca distância, abafava, com o seu soar estrídulo, o som solene e compassado do da Igreja Matriz, que lhe respondia lá de longe. As andorinhas, nervosas, esvoaçavam em torno de mim, pousavam nos raminhos da glicíni cheiinhos de flores azuis que recobriam os ferros do varandim, contando, com alvoroço, numa infinda chilreada, os palpitantes e felizes acontecimentos da última hora e terminavam, invariavelmente, a animada conversa, por uma espalhafatosa gargalhada. Que bom que era viver na aldeia!

(...) Calaram-se os sinos, deixou de se ouvir o estampido dos foguetes. (...) (24)

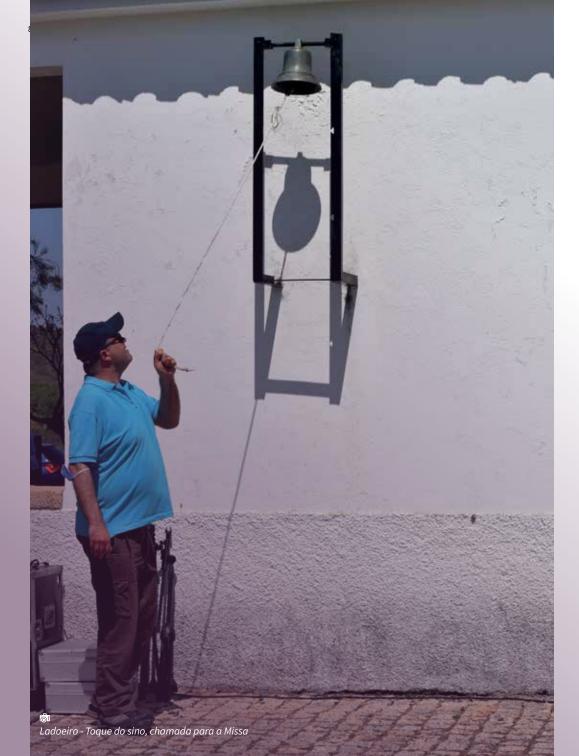


## A ROMARIA DA SANTA CATARINA DE SENA

Ó Beata Catarina Vosso dia vem chegando. Quem houver de p'ra lá ir, Já se pode ir preparando.

As romarias são a união entre a devoção e o fraternal almoço convívio. Estas são encontros cíclicos do avivar a memória colectiva. Os romeiros participantes do torrão natal ausentes aproveitam para se deslocarem a fim de matar saudades, mesmo que os entes queridos tenham partido desta vida terrena, e regressam ao frenesim do meio citadino, frescos como alface, dispostos a enfrentar os desafios e contrariedades do quotidiano. Claramente que os resistentes nos reencontros na comunidade de cariz rural, à beira da capelinha, no meio do descampado, alegram-se por mais um ano poderem dar graças à Santa por continuarem vivos, sãos e escorreitos. Já os doentes imploram saúde e forças para que no ano que vem, sintam melhoras.

E os forasteiros integram-se no convívio, graças à maravilha do acolhimento proporcionado. À partida, prometem voltar no ano seguinte, para dar graças e partilhar a paz no encontro fraternal, debaixo do alpendre, cantando ao som do milenar adufe tocado com mestria por mãos calejadas e leves como pena de estorninho.



No Ladoeiro, a Romaria em honra de Santa Catarina de Sena realiza-se logo na Segunda-Feira, após o Domingo comemorativo da Ressurreição de Cristo, chamado Domingo de Páscoa. É celebrada, ao redor da sua ermida, situada na ampla campina das terras da Idanha, que, em tempos passados, foi confundida, por vezes, dizendo-se ser dedicada a Santa Catarina de Alexandria.

Quem vá como forasteiro, como eu, à romaria de Santa Catarina de Sena, logo que saia do meio de transporte, ao pisar o solo atapetado de ervas espontâneas a anunciar a Primavera, e após contacto com os naturais, sente, mesmo nestes tempos de desnorte que nos calha viver, a riqueza do carácter grupal dos ladoeirenses e o modo como os autores sentem a sua romaria na alma e no coração. Nos seus rostos espelham-nos a importância e alegria da vivência em comunidade, num ambiente de paz, esquecendo por completo os afazeres do dia-a-dia.

Na ambiência festiva, quer no espaço de tempo de culto, quer no do estender dos farnéis, respira-se a manutenção de elementos identitários, lugares precisos de memórias de vivências em família e no estreitar de laços de vizinhança. Não estamos perante uma identidade estática, mas sim resultante de vários factores que a vai moldando, contribuindo assim para que se mantenha em evolução. E daí, resultar felizmente a sua continuidade, pelo menos, desde o século XVIII até à actualidade.

Até vinte anos atrás, foram sempre três as festeiras, como é prática comum. Quando um dos jovens dá conta que as quatro jovens festeiras da Comissão, todas com o mesmo modelo e cor do vestido, conjuntamente com seus familiares, esmerados nos inúmeros preparativos para que Missa e Procissão decorram com normalidade e devoção, e avisados de que o Pároco já se



encontra no recinto, começa então a tocar a sineta, nestes últimos anos pelo brincalhão e alegre Nuno Geraldes, para que os devotos e devotas acorram à Missa campal, dada a exiguidade da ermida. Esta, lindamente adornada de flores variadas, e, de forma idêntica, o andor da patrona Santa Catarina de Sena que, desde a chegada dos primeiros romeiros continuamente vai sendo acompanhada com orações, rogos e acção de graças dos fiéis que a visitam. Por volta da hora anunciada, no cartaz distribuído pelas localidades circum-vizinhas e a aparelhagem devidamente afinada e o andor conduzido pelas quatro festeiras do interior da ermida para junto do altar improvisado, debaixo do alpendre estão reunidas as condições para o Pároco dar início à celebração eucarística. Chegado o momento, depois da leitura do Evangelho, o povo disperso em sombras de árvores ao redor, sentados em cadeira ou banco trazido de casa ou de pé escutam o sermão proferido pelo Pároco, havendo sempre abordagem à história de vida da Santa patrona.

Terminada a Missa, o fogueteiro com o estralejar e ruído dos foguetes anuncia aos romeiros e aos do povo que por motivos vários não puderam estar presentes que a Procissão vai iniciar-se.

Os romeiros incorporam-se em duas filas, várias bandeiras e estandartes da Paróquia, bem como a Confraria do Santíssimo Sacramento, seguindo pelo costumado caminho de terra batida. As quatro jovens festeiras colocam-se, durante o percurso, à frente da imagem de Santa Catarina de Sena e atrás, o Pároco, a Filarmónica e muitos outros romeiros.

No final da Procissão, o adeus dos devotos, quando se aproxima a imagem de Santa Catarina de Sena para entrar na ermida, voltada para o povo, contagia os forasteiros, na maioria







convidados de naturais. A lista com o nome das quatro festeiras, para o ano seguinte, é entregue ao actual e dedicado Pároco, Padre José Manuel Cardoso, para que a divulgue, precisamente, no final da procissão.

Dada por finda a Procissão, as famílias e amigos convidados, dispersam-se em volta da ermida. É chegada a hora do estender dos farnéis onde não faltam os ovos verdes, os bolos de bacalhau, a galinha dourada, a omelete de ovos com chouriço, pão, azeitonas, garrafão de vinho que se aproveita para dar a provar aos vizinhos do fraternal convívio.

Muito dos romeiros não partem, sem se despedirem da imagem da Santa, agradecendo ou pedindo graças de coração em aflição. Cumprindo a tradição, há sempre romeiros que, sabendo que cantar com fé é rezar duas vezes, mesmo frente ao portal da ermida, voltados para a imagem, entoam quadras ao ritmo do arcaico adufe.



Como costumo afirmar, as terras de Idanha, desde a antiguidade peninsular, foram, na verdade, palco dos povos autóctenes e de permanência de povos invasores. Assim, Idanha-a-Velha, foi centralidade doutros tempos, onde moram marcas lusitanas, romanas, suevo-visigóticas, árabes e portuguesas. Idanha-a-Velha, uma das grandes cidades da Lusitânia, a Civitas Egidaetinorum, sendo um dos municípios romanos. Com o movimento da cristianização, sede de Diocese, criada no tempo dos Suevos, a Eidaya, do tempo dos árabes, com quem se iniciara a sua decadência. Daí que as terras de Idanha, ainda preservem as mais belas e puras tradições religiosas, arreigadas e firmadas desde cultos pré-romanos, até às vivências da devoção popular dos nossos dias em que o profano e o sagrado, ora se enovelam ora se enleiam.

A gente do Concelho de Idanha-a-Nova, interior e raiano, preserva como poucas regiões da Europa, traços característicos da sua bem vincada identidade cultural, em parte, pelo conjunto considerável e diversificado de práticas devocionais quaresmais e pascais, sendo a maioria aliadas às etnofonias.

É digno que se realce, ao longo do Século XX e do XXI até à presente data, as inúmeras recolhas do folclore religioso e profano dos mais prestigiados etnólogos e etnomusicólogos com registos em livros com pautas musicais, fita magnética, CD's e fílmicos.

É urgente que, neste Concelho de Idanha-a-Nova cada vez com

mais terrenos ao abandono, mais habitações vazias, menos gente e menos nascimentos, se prossiga com mais intensidade a recolha de "memórias", o tesouro do património imaterial ou espiritual que nos legaram nossos pais e avós.

Estou feliz, como munícipe e amante dos bens culturais, por ter conhecimento das inúmeras produções que continuam a realizar-se, no século XXI, com edições das mesmas pela Câmara Municipal.

No seguimento das referências a investigadores do Ladoeiro, aproveito a oportunidade para citar do Maestro César Viana e do investigador e historiador Pedro Rego, atrás citado, graças ao trabalho de campo de ambos, mencionar a valiosa recolha, intitulada: «terra de Idanha – UMA PAISAGEM SONORA», composta por seis CD's, relativa ao tempo da Quaresma, Semana Santa e Páscoa que contempla as dezassete Paróquias do Concelho de Idanha-a-Nova. A edição contou com o apoio do Município de Idanha-a-Nova, tendo tido o prazer e a honra de a apresentar, em 10 de Novembro de 2006, no então Posto de Turismo de Penha Garcia. Abençoado povo do Ladoeiro que em boa hora está contemplado com um total de onze registos sonoros em: «terra de Idanha – UMA PAISAGEM SONORA».

À Comissão da Quaresma, Semana Santa e Páscoa do Concelho de Idanha-a-Nova foi, no passado dia 20 de Fevereiro, solicitado o calendário, o horário e as localidades das diferentes celebrações pela Rede Europeia da Semana Santa da qual, até à presente data, o Município de Idanha-a-Nova é o único membro do interior de Portugal.

Deus permita que de ano a ano continue a crescer o significativo número de naturais ausentes e visitantes nacionais e estrangeiros, em tempo da Semana Santa em Idanha.



SCOA NA DANHA 

## AGENDA DOS MISTÉRIOS DA PÁSCOA EM IDANHA

2025



Visitem a minha terra Mas não esqueçam as suas. Quem vier a Penha Garcia Vê flores em todas as Ruas.



A Ti Nabais, como gostava que todos a tratassem, abriu para o Mundo os seus lindos olhos, se não me engano, de cor de mel, no cenário das apaixonantes fragas das "cobras pintadas", com milhões de anos, na airosa aldeia de Penha Garcia, a 20 de Abril do ano de 1933. Nasceu de família humilde que lhe deu o abençoado nome de Maria Nabais Pascoal. Quem aos 6 anos já guardava cabras é bom de ver que nunca sentiu o prazer de pisar a sala de aula da Escola.

A Ti Nabais, mulher do campo, de sentimentos religiosos afervorados, de falar em tom baixo e educado, era dotada de um coração puro, de poeta nata, de uma voz harmoniosa, de uma memória invejável e a comprovar a sua inteligência e o amor aos saberes, saibam os leitores que aprendeu a ler e a escrever apenas com algumas lições de um vizinho que foi seu "mestre-escola".

Tinha prazer em contar-nos que, desde nova, conjuntamente com uma das suas irmãs, ao frio e ao vento, gostava muito de vir ao povo, para participar e aprender com as mulheres mais velhas as tradições da sua aldeia e depois, por vezes já noite alta, regressavam ambas junto dos pais. Ainda solteira, na companhia da sua irmã mais velha e cunhado, foi aventureira emigrante, em França. Quando regressou acompanhada do marido, do Salvador (Penamacor) e da sua amada Lídia, ao cabo de 13 anos de saudades, logo que chegou, começou a juntar-se ao grupo das mulheres participantes nas manifestações da religiosidade popular, com a maior alegria do Mundo.

Graças à sua voz harmoniosa voz e a ser uma exímia tocadora de adufe, fez parte do Rancho Folclórico e do Grupo de Adufeiras de Penha Garcia, graças a Deus, as suas forças o permitiram, quase até à sua partida desta vida terrena, em 15 de Abril do passado ano de 2024. Na verdade, partiu, recentemente, um dos mais edificantes monumentos vivos de Penha Garcia! Graças à sua privilegiada memória, à sua sabedoria popular e ao seu saber contar com amor foi fonte de água viva para os amantes da cultura popular e investigadores no domínio das Ciências Sociais.

A Ti Nabais de boamente e com alegria ensinara muita gente, crianças, jovens e adultos, na arte de saber tocar o adufe, à moda de Penha Garcia, também com alegria dizia de cor os poemas que nos legou e fora ainda fonte de sabedoria popular onde floresceram as raízes identitárias.

O seu testemunho, em tempo deste mundo global sem norte, onde imperam os cobiçosos do poder e do dinheiro, é merecedora da gratidão pelo seu valioso contributo para a identidade local e regional. Paz à sua alma.







## MARÇO

## 05.03 MISSA COM CERIMÓNIA DA IMPOSIÇÃO DAS CINZAS

### QUARTA-FEIRA DE CINZAS

Idanha-a-Nova	18H00
Monfortinho	15H00
Salvaterra do Extremo	11H00
Penha Garcia	17H00
Aldeia Santa Margarida	10H00
S. Miguel d'Acha	17H00
Medelim	15H00

06.03	S. Miguel d'Acha	20H30	Ladainhas
07.03	Alcafozes	21H00	Procissão "Corrida"
	Idanha-a-Nova	18H00 /20H00	Ir ver Nosso Senhor – Igreja da Misericórdia
		23H00	Encomendação das Almas
	Ladoeiro	20H30	Procissão dos Homens
	Monfortinho	21H30	Martírios e Encomendação das Almas
	Oledo	20H00	Encomendação das Almas
	Rosmaninhal	21H30	Encomendação das Almas
	Salvaterra do Extremo	16H00	Via–Sacra na Igreja Matriz
	S. Miguel d' Acha	16H30	Via–Sacra na Igreja Matriz
		20H30	Terço Cantado nas ruas pelos Homens
		22H00	Encomendação das Almas
	Toulões	23H00	Encomendação das Almas
	Zebreira	17H00	Via–Sacra na Igreja Matriz
08.03	Penha Garcia	15H00	Via–Sacra na Capela de S. Lourenço
09.03	Proença-a-Velha	20H00	Ladainhas e Martírios do Senhor
09.03	Proença-a-Velha	20H00	

11.03	Idanha-a-Nova	15H00	Via-Sacra na Igreja do Espírito Santo
13.03	S. Miguel d' Acha	20H30	Ladainhas
14.03	Alcafozes	21H00	Os Passos – Procissão "Corrida"
	Idanha-a-Nova	18H00/ 20H00	Ir ver Nosso Senhor – Igreja da Misericórdia
		23H00	Encomendação das Almas
	Ladoeiro	20H30	Procissão dos Homens
	Monfortinho	21H30	Martírios e Encomendação das Almas
	Oledo	20H00	Encomendação das Almas
	Rosmaninhal	21H00	Encomendação das Almas
		16H30	Via–Sacra na Igreja Matriz
	S. Miguel d'Acha	20H30	Terço Cantado nas ruas pelos Homens
		22H00	Encomendação das Almas
	Salvaterra do Extremo	16H00	Via–Sacra na Igreja Matriz
	Termas de Monfortinho	21H30	Martírios e Encomendação das Almas
	Toulões	23H00	Encomendação das Almas
	Zebreira	17H00	Via–Sacra na Igreja Matriz
16.03	Proença-a-Velha	20H00	Ladainhas
		201100	Martírios do Senhor
	Penha Garcia	15H00	Via–Sacra na Capela de S. Lourenço
18.03	Idanha-a-Nova	17H00	Via–Sacra na Igreja Espírito Santo
	S. Miguel d'Acha	20H30	Aniversário das Almas com canto de Vésperas
20.03	S. Miguel d'Acha	20H30	Ladainhas





Alcafozes	21H00	Os Passos – Procissão "Corrida"
Idanha-a-Nova	18H00/ 20H00	Ir ver Nosso Senhor – Igreja da Misericórdia
	23H00	Encomendação das Almas
Ladoeiro	20H30	Procissão dos Homens
Medelim	23H00	Encomendação das Almas
Monfortinho	21H30	Martírios e Encomendação das Almas
Oledo	20H00	Encomendação das Almas
Rosmaninhal	21H00	Encomendação das Almas
S. Miguel d' Acha	16H30	Via–Sacra na Igreja Matriz
	20H30	Terço Cantado nas ruas pelos Homens
	22H00	Encomendação das Almas
Salvaterra do Extremo	16H00	Via–Sacra na Igreja Matriz
Termas de Monfortinho	21H30	Martírios e Encomendação das Almas
Toulões	23H00	Encomendação das Almas
Zebreira	17H00	Via–Sacra na Igreja Matriz
Aldeia Santa Margarida	17H30	Aniversário das Almas com canto de Vésperas
Penha Garcia	15H00	Via–Sacra na Capela de S. Lourenço
Proença-a-Velha	201100	Ladainhas
	20000	Martírios do Senhor
Idanha-a-Nova	15H00	Via–Sacra na Igreja do Espírito Santo
Medelim	17H30	Aniversário das Almas com canto de Vésperas
Idanha-a-Velha	24H00	"Sarração" da Velha
S. Miguel d' Acha	20H30	Ladainhas
Proença-a-Velha	17H30	Aniversário das Almas com canto de Vésperas
	Idanha-a-Nova  Ladoeiro Medelim  Monfortinho Oledo Rosmaninhal  S. Miguel d' Acha  Salvaterra do Extremo Termas de Monfortinho Toulões Zebreira Aldeia Santa Margarida Penha Garcia Proença-a-Velha Idanha-a-Nova Medelim Idanha-a-Velha S. Miguel d' Acha	Idanha-a-Nova       18H00/20H00         23H00       23H00         Ladoeiro       20H30         Medelim       23H00         Monfortinho       21H30         Oledo       20H00         Rosmaninhal       21H00         5. Miguel d'Acha       20H30         22H00       22H00         Salvaterra do Extremo       16H00         Termas de Monfortinho       21H30         Toulões       23H00         Zebreira       17H00         Aldeia Santa Margarida       17H30         Penha Garcia       15H00         Proença-a-Velha       20H00         Idanha-a-Nova       15H00         Medelim       17H30         Idanha-a-Velha       24H00         S. Miguel d'Acha       20H30

28.03	Alcafozes	21H00	Os Passos
28.03		211100	– Procissão "Corrida"
	Idanha-a-Nova	18H00/ 20H00	Ir ver Nosso Senhor – Igreja da Misericórdia
		23H00	Encomendação das Almas
		20H30	Procissão dos Homens
	Ladoeiro	22H00	Encomendação das Almas
	Medelim	23H00	Encomendação das Almas
	Monfortinho	21H30	Martírios e Encomendação das Almas
	Oledo	20H00	Encomendação das Almas
	Penha Garcia	24H00	Encomendação das Almas
	Proença-a-Velha	24H00	Encomendação das Almas
	Rosmaninhal	21H00	Encomendação das Almas
	S. Miguel d' Acha	16H30	Via–Sacra na Igreja Matriz
		20H30	Terço Cantado nas ruas pelos Homens
		22H00	Encomendação das Almas
	Salvaterra do Extremo	16H00	Via–Sacra na Igreja Matriz
	Termas de Monfortinho	21H30	Martírios e Encomendação das Almas
	Toulões	23H00	Encomendação das Almas
	Zebreira	17H00	Via–Sacra na Igreja Matriz
29.03	Ladoeiro	21H00	1º Encontro de Cantares Quaresmais
30.03	Penha Garcia	15H00	Via–Sacra na Capela de S. Lourenço
	Proença-a-Velha	20H00	Ladainhas e Martírios do Senhor
01.04	Idanha-a-Nova	17H00	Via–Sacra na Igreja Espírito Santo
03.04	S. Miguel d'Acha	20H30	Ladainhas
	Proença-a-Velha	17H30	Aniversário das Almas co canto de Vésperas





04.04	Alcafozes	21H00	Procissão dos Passos
	Idanha-a-Nova	18H00/ 20H00	Ir ver Nosso Senhor – Igreja da Misericórdia
		23H00	Encomendação das Almas
	Idanha-a-Velha	21H30	Encomendação das Almas
	Ladoeiro	20H30	Missa seguida da Procissão dos Homens
		22H00	Encomendação das Almas
	Rosmaninhal	21H00	Encomendação das Almas
	Aldeia Santa Margarida	21H00	Encomendação das Almas
	Medelim	23H00	Encomendação das Almas
	Monfortinho	21H30	Martírios e Encomendação das Almas
	Oledo	20H30	Encomendação das Almas
	Penha Garcia	24H00	Encomendação das Almas
	Proença-a-Velha	24H00	Encomendação das Almas
	Salvaterra do Extremo	16H00	Via–Sacra na Igreja Matriz
	S. Miguel d' Acha	16H30	Via–Sacra na Igreja Matriz
		21H00	Terço Cantado nas ruas pelos Homens
		23H00	Encomendação das Almas
	Monsanto	23H00	Encomendação das Almas
	Termas de Monfortinho	21H30	Martírios e Encomendação das Almas
	Toulões	23H00	Encomendação das Almas
	Zohroira	17H00	Via–Sacra na Igreja Matriz
	Zebreira	21H00	Encomendação das Almas
	Idanha-a-Nova	20H00	Procissão das Completas
05.04	Segura	20H00	Procissão dos Passos
<b>73.0</b> 4	S. Miguel d'Acha	21H00	6.º Encontro de Cantares Quaremais

06.04	Aldeia Santa Margarida	16H00	Missa e Via–Sacra pelas ruas
DOMINGO	Idanha-a-Nova	19H00	Procissão dos Passos
DE PASSOS	Ladoeiro	17H00	Via-Sacra pelas ruas
	Proença-a-Velha	20H00	Ladainhas e Martírios do Senhor
	Salvaterra do Extremo	20H00	Procissão dos Passos
	Zebreira	16H00	Procissão dos Passos
	Penha Garcia	15H00	Via–Sacra na Capela de S. Lourenço
08.04	Idanha-a-Nova	17H00	Via–Sacra na Igreja Espírito Santo
09.04	Penha Garcia	19H00	Aniversário das Almas
10.04	S. Miguel d' Acha	21H00	Ladainhas
11.04	Alcafozes	21H00	Os Passos – Procissão "corrida"
	Aldeia Santa Margarida	21H00	Encomendação das Almas
	Idanha-a-Nova	18H00 /20H00	Ir ver Nosso Senhor – Igreja da Misericórdia
		23H00	Encomendação das Almas
		16H00	Abertura do IX Curso Livre sobre Religiosidade Popular
	Idanha-a-Velha	21H30	Encomendação das Almas
	Medelim	23H00	Encomendação das Almas
	Monsanto	12H00	Festa da Sra. das Dores com Celebração Eucarística e Canto da Senhora das Dores
		23H00	Encomendação das Almas
	Oledo	20H30	Encomendação das Almas
	Penha Garcia	24H00	Martírios do Senhor e Encomendação das Almas
	Proença-a-Velha	24H00	Encomendação das Almas





11.04	Rosmaninhal	21H00	Encomendação das Almas	
		16H30	Via–Sacra na Igreja Matriz	
	S. Miguel d' Acha	21H00	Terço Cantado nas ruas pelos Homens	
		22H00	Encomendação das Almas	
	Ladoeiro	22H00	Encomendação das Almas	
	Salvaterra do Extremo	16H00	Via–Sacra na Igreja Matriz	
	Toulões	23H00	Encomendação das Almas	
	7.hunium	17H00	Via–Sacra na Igreja Matriz	
	Zebreira	21H00	Encomendação das Almas	
	Monfortinho	21H30	Martírios e Encomendação das Almas	
12.04	Monfortinho	20H00	Via-Sacra com representaçã cénica pelas ruas da aldeia	
_	Monsanto	12H00	Aniversário das Almas com Ofícios e o Canto das Laude	
	Segura	17H00	Procissão de Ramos seguid de Celebração Eucarística	
	Ideals a Nove	10H00 / 17H30	IX Curso Livre sobre Religiosidade Popular	
	Idanha-a-Nova	21H00	XVI Encontro de Cantares Quaresmais	
13.04	Aldeia Santa Margarida	10H30	Benção dos Ramos e Missa	
DOMINGO	Idanha-a-Nova	11H00	Benção dos Ramos seguida de Celebração Eucarística	
DE RAMOS	Ladoeiro	12H00	Benção dos Ramos seguida de Celebração Eucarística	
	Medelim	09H00	Benção de Ramos e Missa	
	Monfortinho		Benção de Ramos seguida de Celebração Eucarística	

13.04 DOMINGO	Monsanto	17H00	Benção dos Ramos na Igreja da Misericórdia para a Igreja Matriz	
DE RAMOS		23H30	Encomendação das Almas	
		12H00	Benção de Ramos seguida de Celebração Eucarística	
	Penha Garcia	15H00	Via–Sacra e Cântico da Paixão pelas Ruas da Procissão	
	Dunner a Volle	17H00	Benção dos Ramos e Missa	
	Proença-a-Velha	20H00	Martírios do Senhor	
	Rosmaninhal	09H30	Benção dos Ramos seguida de Celebração Eucarística	
	S. Miguel d' Acha	11H45	Benção dos Ramos e Missa	
	Salvaterra do Extremo	08H30	Benção dos Ramos seguida de Celebração Eucarística	
	Termas de Monfortinho	16H30	Benção dos Ramos seguida de Celebração Eucarística	
	Toulões	10H30	Benção dos Ramos seguida de Celebração Eucarística	
	Zebreira	10H00	Benção dos Ramos seguida de Celebração Eucarística	
		16H30	Procissão dos Passos	
16.04 QUARTA-FEIRA	Alcafozes	20H00	O Espalhar do Alecrim no chão do Altar-Mór da Igreja da Misericórdia, seguindo-s o comer da "Parva"	
SANTA	Medelim	20H00	Eucaristia e Procissão do Encontro com canto da Verónica a partir da Igreja d Misericórdia	
		23H00	Encomendação das Almas	





17.04 QUINTA-FEIRA		08H00	Peditório para a Ceia dos Doze da Irmandade da Misericórdia
SANTA	- Alcafozes -	13H00	Ceia dos Doze
		21H00	Cântico dos Martírios, Senhora das Dores na Igreja da Misericórdia, seguindo-se o Lava–Pés e Procissão do Encontro. Após a Procissão, finaliza-se com a leitura dos "Tormentos do Redentor"
		24H00	Canto dos Martírios e da Senhora das Dores pelas ruas
	Idanha-a-Nova	18H30	Celebração da Ceia do Senhor
	Ladoeiro	20H30	Celebração da Última Ceia, seguida de Procissão do Encontro
	Monfortinho	21H30	Canto da Senhora das Dores pelas ruas da aldeia
	Monsanto	20H30	Celebração Eucarística com Lava–Pés, Sermão do Encontro, seguindo-se a Procissão dos Passos. No final, Sermão da Misericórdia
		23H00	Encomendação das Almas e Martírios
	Penha Garcia	18H00	Celebração da Instituíção da Eucaristia
		24H00	Louvado Nocíssimo
	Proença-a-Velha	21H00	Eucaristia com Lava-Pés na Igreja da Misericórdia seguida da Procissão do Encontro, Sermão com representação de Maria Madalena
		24H00	Ceia dos Doze seguida do Louvád' síssemo

17.04	Rosmaninhal	22H30	Celebração da Última Ceia, seguida de Procissão do Encontro		
QUINTA-FEIRA SANTA	S. Miguel d' Acha	18H30	Celebração Eucarística seguida de Procissão do Encontro		
		22H00	Martírios do Senhor		
	Salvaterra do Extremo	20H30	Celebração Eucarística seguida de Procissão do Encontro		
	Salvateria do Extremo	22H30	Ceia dos Doze		
		24H00	Encomendação das Almas		
	Segura	08H00	O espalhar do alecrim no chão da Igreja da Misericórdia pelos Irmãos		
		09H00	Peditório para a Ceia dos Doze da Irmandade da Misericórdia		
		19H00	Celebração da Última Ceia com Lava-Pés, seguindo-se a Procissão do Encontro		
		22H00	Encomendação das Almas		
		24H00	Ceia dos Doze		
	Termas de Monfortinho	21H30	Canto da Senhora das Dores		
	Zebreira	21H00	Celebração da Última Ceia, seguida de Procissão do Encontro		
		22H30	Encomendação das Almas		
18.04 SEXTA-FEIRA	Alcafozes	22H00	Procissão do Enterro do Senhor com Verónica e Sermão da Soledade		
DA PAIXÃO		24H00	Encomendação das Almas		





### ABRIL

18.04

SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

Aldeia Santa Margarida	18H15	Leitura da Paixão, Adoração da Cruz e Procissão do Enterro do Senhor
	21H00	Encomendação das Almas
	08H00	Preparação do Santo Sepulcro na capela de S. Jacinto da Igreja Matriz pelos Irmãos do Santíssimo
Idanha-a-Nova	15H00	Via–Sacra na Igreja Matriz
		Adoração da Santa Cruz
	18H30	Procissão do Enterro do Senhor e Sermão
	23H00	Encomendação das Almas
	09H00/ 12H00	Beijar a Cruz na Igreja da Misericórdia
Ladoeiro	15H00	Via–Sacra na Igreja Matriz
Zaaociio	20H30	Adoração da Cruz e Procissão do Enterro do Senhor
Medelim	09H00/ 15H00	Adoração do Senhor Morto na Igreja da Misericórdia
	15H00	Via–Sacra na Igreja Matriz
Manfartinha	16H00	Celebração da Paixão do Senhor
Monfortinho	23H00	Santos Passos e Louvado Dulcíssimo
	15H00	Via–Sacra pelas ruas
Monsanto	20Н30	Leitura da Paixão, Adoração da Cruz, Sermão com representação cénica de Maria Madalena. Descimento da Cruz. Segue-se Procissão do Enterro do Senhor com cântico da Verónica e as Três Marias entoam os Héus. No final, Sermão do Senhor Morto

SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

Oledo	21H00	Via–Sacra pelas ruas
Penha Garcia	14H30	Celebração da Paixão do Senhor
	24H00	Santos Passos
	15H00	Adoração da Santa Face na Igreja da Misericórdia
Proença-a-Velha	21H00	Celebração da Paixão, seguida da Procissão do Enterro do Senhor com Verónica
Rosmaninhal	21H00	Adoração da Cruz e Procissão do Enterro do Senhor
	16H30	Leitura da Paixão e Adoração da Cruz
S. Miguel d' Acha	20H00	Procissão do Enterro do Senhor com Cântico dos Héus
	15H00	Via–Sacra na Igreja da Misericórdia
Salvaterra do Extremo	20H00	Celebração da Paixão do Senhor seguida de Procissão do Enterro do Senhor
Segura	08Н00	Após a queima do Alecrim pelos Irmãos da Misericórdia, segue-se a Adoração da Cruz e a Via–Sacra
	19H00	Procissão do Enterro do Senhor
	24H00	Encomendação das Almas
Toulões	23H00	Encomendação das Almas
Idanha-a-Velha	21H30	Encomendação das Almas
	15H00	Via–Sacra na Igreja Matriz
Zebreira	22H30	Adoração da Cruz seguida de Procissão do Enterro do Senhor com Encomendação das Almas







_	Aldeia Santa Margarida	21H00	Toque do sino, seguindo-se o canto das Alvíssaras ao som dos adufes com cortejo pelas ruas
	Idanha-a-Nova	21H00	Celebração Eucarística com aparecimento da Aleluia e Arruada pelas ruas da Vila. Alvíssaras ao som dos Adufes. O apanhar das amêndoas à porta do Pároco
		24H00	Senhor do esquife da Igreja Matriz para a Igreja da Misericórdia
	Ladoeiro	20H30	Vigília Pascal, seguida de Alvíssaras
_	Monfortinho	24H00	Toque do sino, seguindo-se o canto da Aleluia ao som do adufe
	Monsanto	21H30	Vigília Pascal. Anúncio da Ressurreição. Alvíssaras, ao som dos adufes, à porta da Igreja, do Pároco e da Capela do Espírito Santo. Regresso à porta do Pároco. Convívio. Canções populares ao som dos adufes
	Proença-a-Velha	24H00	Toque dos sinos, seguindo- -se o canto das Alvíssaras à porta da Igreja Matriz, com cortejo pelas ruas.
	Salvaterra do Extremo	21H00	Vigília Pascal seguida de Alvíssaras
-	Toulões	23H00	Toque do sino, seguindo-se o Canto das Alvíssaras ao som dos adufes
	Zebreira	22H30	Vigília Pascal, seguida das Alvíssaras à porta das Igrejas Matriz, Espírito Santo e Senhora da Piedade
	S. Miguel d' Acha	21H30	Vigília Pascal

PÁSCOA

16H00	Procissão da Ressurreição seguida de Celebração Eucarística		
11H00	Procissão da Ressurreição seguida de Celebração Eucarística		
09H00	Celebração do Espírito Santo com os respectivos festeiros		
12H00	Procissão da Ressurreição, seguida de Missa		
09H00	Procissão da Ressurreição seguida de Celebração Eucarística		
14H30	Procissão da Ressurreição seguida da Celebração Eucarística e Visita Pascal na Igreja Matriz		
16H00	Canto das Alvíssaras, ao som dos adufes, junto da Capela de Nossa Senhora da Consolação		
17H00	Procissão da Ressurreição saindo da Igreja Matriz, passando pela Igreja da Misericórdia, seguida de Celebração Eucarística na Igreja Matriz. No final, beijar da Cruz		
09Н30	Procissão da Ressurreição seguida da Eucaristia com beijar da Cruz e Alvíssaras ao som do adufe		
12H00	Procissão da Ressurreição seguida da Celebração Eucarística e Visita Pascal na Igreja Matriz		
	11H00 09H00 12H00 09H00 14H30 16H00 17H00		





### **ABRIL**

20.04	
PÁSCOA	

Proença-a-Velha	10H30	Procissão da Ressurreição a partir da Igreja Matriz e Missa		
Rosmaninhal	15H00	Procissão da Ressurreição seguida da Celebração Eucarística		
S. Miguel d' Acha	12H00	Procissão da Ressurreição seguida de Celebração Eucarística		
Segura	12H00	Procissão da Ressurreição, seguida de Missa		
Termas de Monfortinho	16H00	Procissão da Ressurreição seguida de Celebração Eucarística		
Toulões	10H30	Celebração Eucarística, seguida do Canto das Alvíssaras à porta da Igreja Matriz		
Zebreira	10H00	Procissão da Ressurreição seguida de Celebração Eucarística		



# **PROLONGAMENTO DA ALEGRIA PASCAI**

EM CELEBRAÇÕES À MÃE DE DEUS

### **ABRIL**

21

21			
	Romaria de Santa Maria Madalena	Rosmaninhal	
	Romaria da Senhora da Granja	Proença-a-Velha	
	Romaria de Santa Catarina de Sena	Ladoeiro	
	Bodo de Nossa Senhora da Consolação	Salvaterra do Extremo	
22			
	Cruzes de Monsanto à Senhora da Azenha	Monsanto	
	Romaria da Santa Marinha	Segura	
	Festa de São Roque	Rosmaninhal	
27			
	Romaria de S. Domingos	Zebreira	
28			
	Romaria de Santa Catarina de Alexandria	S. Miguel d' Acha	

# PROLONGAMENTO DA ALEGRIA PASCA

### **MAIO** 01 Bodo de Nossa Senhora da Consolação Monfortinho 03 Subida ao Castelo e Lançamento do Pote Castelo de Monsanto 04 E 05 Romaria da Senhora do Almurtão Idanha-a-Nova 11 Romaria da Senhora da Graça Idanha-a-Nova **JUNHO** 05 Cruzes de Penha Garcia Penha Garcia à Senhora da Azenha







## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) Revista popular de divulgação cultural, **Raia**, N° 2, Novembro / Dezembro de 1997, Director: Pedro Rego da Silva, p. 27.
- (2) P. António Carvalho da Costa, Corografia Portugueza (....), tomo II, Lisboa, 1708, p. 413.
- (3) João do Porto, O Homem, esse meu conhecido, 1981, pp. 23 e 24.
- (4) Fernando da Silva Correia, **Origens e Formação das Misericordiosas Portuguesas**, Henrique Torres Editor, Lisboa, 1944, p. 566.
- (5) José Joaquim Mendes Hormigo, A Misericórdia do Ladoeiro (História), Edição do Autor, 1998, pp. 11 e 15.
- (6) Idem (o mesmo), pp. 6 e 7.
- (7) "Aqui, Ladoeiro", Raiano, Novembro de 1981, p. 5.
- (8) Pedro Miguel Canitos Rego da Silva, **História do Ladoeiro Lugar que em algum tempo se chamou O Esporão do povoamento ao final do Antigo Regime**, Edição MARS, Gráfica do Tortosendo, 2017, pp. 78-84.
- (9) José Joaquim Mendes Hormigo, A Misericórdia do Ladoeiro (História), Edição do Autor, 1998, p.29
- (10) Idem, pp. 30 e 31.
- (11) António Maria Romeiro Carvalho, A Procissão dos Homens no Ladoeiro: Espaço. Tempo e ritos Agrários Quaresmais numa Aldeia da Raia Centro, «Forum Sociológico», nº3, Instituto de Estudos e de Divulgação Sociológica, Lisboa, 1993, p. 33
- (12) José Joaquim Mendes Hormigo, A Misericórdia do Ladoeiro (História), Edição do Autor, 1998, pp. 34-36.
- (13) António Maria Romeiro Carvalho, A Procissão dos Homens no Ladoeiro: Espaço. Tempo e ritos Agrários Quaresmais numa Aldeia da Raia Centro, «Forum Sociológico», nº3, Instituto de Estudos e de Divulgação Sociológica, Lisboa, 1993, pp. 36 e 37.
- (14) José Joaquim Mendes Hormigo, A Misericórdia do Ladoeiro (História), Edição do Autor, 1998, p. 36.
- (15) Idem, pp. 36 e 37
- (16) Missionários Capuchinhos, Bíblia Sagrada, Lisboa, 1974, p. 1039
- (17) Manuel Botelho de Oliveira, Lira Sacra, Leitura paleográfica Heitor Martins, São Paulo:Conselho Estadual de Cultura, 1971. (Textos e documentos, 21)
- (18) Missionários Capuchinhos, Bíblia Sagrada, Lisboa, 1974, p. 1025.
- (19) Idem, p. 1083
- (20) José Joaquim Mendes Hormigo, A Misericórdia do Ladoeiro (História), Edição do Autor, 1998, pp. 37 e 38
- (21) Idem, p. 38
- (22) Missionários Capuchinhos, Bíblia Sagrada, Lisboa, 1974, p. 1004
- (23) João do Porto, O Homem, esse meu conhecido, 1981, pp. 39-41.
- (24) Idem, 41-43

### **CONCERTOS** FILARMÓNICA IDANHENSE **RENASCIMENTO**

**8 DE MARCO 17H30** 

Termas de Monfortinho - Igreia Matriz

**8 DE MARCO 21H00** 

Monfortinho - Igreja Matriz

**9 DE MARCO 15H00** 

Monsanto - Capela S. Sebastião

**9 DE MARÇO 17H00** 

Penha Garcia - Capela S. Lourenço

29 DE MARCO 15H00

Idanha-a-Velha - Sé Catedral

29 DE MARCO 17H30

Proença-a-Velha - Misericórdia

29 DE MARCO 21H00

Oledo - Igreja Matriz

30 DE MARCO 14H30

Zebreira - Igreja Matriz

**30 DE MARCO 16H00** 

Ladoeiro - Igreja Matriz

**30 DE MARCO 17H30** 

Idanha-a-Nova - Igreja Matriz

### I ENCONTRO DE CANTARES QUARESMAIS DO LADOEIRO

29 DE MARCO DE 2025 21H00

Igreia Matriz do Ladoeiro

Grupo de Cantares Quaresmais da Casa do Povo do Paúl (Covilhã)

Grupo da Encomendação das Almas das Aranhas (Penamacor)

Grupo de Amenta das Almas da Casa do Povo de Abraveses (Viseu)

Grupo da Encomendação das Almas do Ladoeiro (Idanha-a-Nova)

### VI ENCONTRO DE CANTARES QUARESMAIS DE S. MIGUEL DE ACHA

5 DE ABRIL DE 2025 21H00

Igreja Matriz de S. Miguel de Acha

Grupo de Encomendação das Almas de Rapoula do Coa (Guarda)

Grupo de Encomendação das Almas Grande Roda Teixoso (Covilhã)

Grupo de Ementa das Almas de Sobral de Pinho (S. Pedro do Sul)

Grupo de Encomendação das Almas de São Miguel de Acha (Idanha-a-Nova)

### XVI ENCONTRO DE CANTARES QUARESMAIS E PASCAIS DE IDANHA-A-NOVA

12 DE ABRIL DE 2025 21H30

Forum Cultural de Idanha-a-Nova

Grupo de Ementa das Almas de Fermontelos (S. Pedro do Sul)

Grupo da Encomendação das Almas dos Galisteus (Proença-a-Nova)

Grupo da Encomendação das Almas de Oledo (Idanha-a-Nova)

Grupo da Encomendação das Almas de Monforte (Castelo Branco)



### idanha.pt











TERRITÓRIO UNESCO























### IX CURSO LIVRE IBÉRICO SOBRE RELIGIOSIDADE POPULAR Tradição e modernidade

Forum Cultural de Idanha-a-Nova

CENTRO de INTERPRETAÇÃO da SEMANA SANTA e PÁSCOA e do Património Religioso de IDANHA

Inscrições limitadas a 20 participantes

### 11 Abril Sexta-feira

### 12 Abril Sábado

16:00	Recepção aos participantes	10:00	Dr. Mário Correia "Salmos, hinos e cânticos	16:00	Pausa para café
			espirituais: o que for soará.	16:15	Dra Maria Adelaide
16:30	Visita Guiada à Exposição		Uma abordagem		Neto Salvado
	Mistérios da Páscoa em Idanha Fotógrafo: Valter Vinagre		acustemológica.		A devoção ao Espírito Santo em Monsanto da Beira
	8		Moderadora:		– Tradição e Modernidade
			Dra Maria Adelaide Neto Salvado		
17:00	Sessão de Abertura				Moderador:
	Presidente da C. M. Idanha-a-Nova Eng <sup>o</sup> Armindo Jacinto	10:45	Pausa para café		Dr. António Silveira Catana
	Coordenador do Projecto	11:00	Prof. Doutor Francesc	17:30	Encerramento dos
	Mistérios da Páscoa em Idanha	11:00			Trabalhos
	Dr. António Silveira Catana		Massip Bonet Cerimónias dramáticas		
	Dr. Aritorno Silveria Cataria		da Semana Santa na	19:00	Jantar
			área mediterrânica		
			area mediterranica	21:30	XVI Encontro de
17:15	Dr. José Alberto Sardinha		Moderador:	21.50	Cantares
	O culto das Almas do Purgatório		Dr. José Manuel Rodríguez		Quaresmais e
	Moderadora:		Dr. 303c Manaet Roungaez		Pascais
	Dra Maria Adelaide Neto Salvado				Pascals
	Momento Musical:	12:30	Almoço		
	Grupo da Encomendação				
	das Almas de Idanha-a-Nova	14:45	Prof. Doutor Francisco		
			Javier Rodríguez Pérez		
19:00	Jantar		Cultos marianos em		
			Castrotierra (Leão):		
			a Romaria dos Pendões"		
21:00	Partida em autocarro para				
	o Território dos Rituais		Moderador:		
			Dr. José Manuel Rodríguez		

